VLADIMIR EIJI KUREDA

A "RODÔ" DE CAMPO GRANDE-MS: AS RELAÇÕES ENTRE SUJEITOS, TERRITÓRIOS, DIFERENÇAS E MUDANÇA SOCIAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS - FACH CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

VLADIMIR EIJI KUREDA

A "RODÔ" DE CAMPO GRANDE-MS: AS RELAÇÕES ENTRE SUJEITOS, TERRITÓRIOS, DIFERENÇAS E MUDANÇA SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos necessários para obtenção de grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme R. Passamani

CAMPO GRANDE-MS, 2017

A "RODÔ" DE CAMPO GRANDE-MS: AS RELAÇÕES ENTRE SUJEITOS, TERRITÓRIOS, DIFERENÇAS E MUDANÇA SOCIAL

Monografia submetida ao Curso de Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Cientista Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Guilherme R. Passamani (UFMS) - Orientador

Prof. Dr. Esmael Alves de Oliveira (UFGD) – Membro

Prof. Dr. Tiago Duque (UFMS) - Membro

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares que me deram toda a estrutura financeira e apoio necessário para a realização desse curso. Destaco minha mãe, Maria Eliane Costa, que sempre me apoiou em todos os sentidos. Eu tenho muito carinho e amor por ela. Meu padrasto, que, indiretamente, foi importante nessa caminhada, ao me ajudar a resolver problemas de ordem pessoal, que não estavam ao meu alcance. Minha avó, que veio morar comigo nos últimos três anos, e me ajudou a ser uma pessoa melhor. Também agradeço às minhas irmãs menores, que apesar de pouca intimidade, são importantes para mim.

Agradeço ao meu pai, pelas longas horas de discussão sobre meu trabalho, contribuindo com ótimas ideias e um olhar apurado.

À Zambi/Olorum/Deus, Orixás e os Guias que me acompanham e também às medicinas da floresta.

À orientação atenciosa, rigorosa e estimulante do meu orientador, Guilherme Passamani, que foi um dos principais responsáveis pela realização desse trabalho.

Ao Coletivo Terra Vermelha, pela oportunidade de aprender com um movimento social indígena.

À RECC (Rede Estudantil Classista e Combativa), pelo amadurecimento de muitas ideias e visões políticas transformadoras da realidade.

Aos meus amigos, em especial: Pietro Lara, Gabriel Lorentz, Gabriel Barbosa, Isabele Jablonski, Diego Paiva, Suzana Miranda, Luciano Alonso, Claudney Broglio, Duda Oliveira, Giovanny da Hora, Vinícius dos Santos, Barbara, João Moroni, Joana, André Luiz, Carolina Balsan, Henrique Muller, Raphael Silva, Daniele Ferreira, Adailton Xavier, Rafael Benitez. Agradeço a todos que não estão na lista porque fui traído pela memória.

Aos colegas de curso, pelas discussões em sala, nos corredores, bares e rolês.

Aos interlocutores, que me aceitaram em alguns momentos em seus cotidianos, por disponibilizarem seus respectivos tempos e falas.

Um agradecimento final às Ciências Sociais, que foi um marco na minha vida, e que é uma ferramenta potente para colaborar na construção de um mundo melhor, pela sua imensa capacidade de análise crítica, bem como propositiva. Uma pena que não seja tão valorizada quanto deveria.

RESUMO

A presente pesquisa problematiza as relações estabelecidas entre as diferentes populações que ocupam a "Rodô", a Antiga Rodoviária de Campo Grande-MS, e seu entorno. Dentre as populações contatadas, a ênfase da pesquisa recai sobre a experiência dos comerciantes locais. Para tanto, do ponto de vista metodológico, foi realizada uma pesquisa qualitativa de viés etnográfico, valendo-se da observação participante, conversas informais, entrevistas semiestruturadas, pesquisa bibliográfica, análise de documentos públicos e pesquisas em jornais eletrônicos. O trabalho foi dividido em quatro partes: primeiro, serão abordados os aspectos históricos da Antiga Rodoviária, desde a construção, o seu auge, até o declínio comercial e a desativação dos serviços rodoviários; em seguida, há um panorama dos dois principais espaços comerciais em funcionamento na "Rodô", suas dinâmicas territoriais e a incidência da demarcação de lugares, circulação de sujeitos, fronteiras e borramentos entre os diferentes grupos sociais; posteriormente, há uma análise da etnografia realizada em dois contextos específicos, destacando a interação entre usuários de drogas e moradores de rua com integrantes de uma Igreja evangélica e um estabelecimento comercial; por fim, discutese o caráter da "revitalização", tomando como base as intervenções realizadas, os projetos oficiais e os impasses na sua concretização.

Palavras-chave: Antiga Rodoviária; territórios; grupos estigmatizados; revitalização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I: A "RODÔ": ENTRE A HISTÓRIA E A ANTROPOLOGIA URBANA	10
1.1 Aspectos históricos da Antiga Rodoviária de Campo Grande	10
1.2 A "Rodô" sob o olhar da Antropologia Urbana	15
CAPÍTULO II: COMÉRCIO E TERRITORIALIDADE NA "RODÔ"	21
2.1 Panorama geral do comércio na "Rodô"	21
2.2 Olhares sobre territórios: lugares, fronteiras e circulação	27
CAPÍTULO III: SOCIABILIDADES E ALTERIDADES	37
3.1 A ação caritativa evangélica	37
3.2 A "Rodô" a partir da lanchonete/bar	43
3.3 Os "outros"	48
CAPÍTULO IV: PODER PÚBLICO, INTERVENÇÃO E "REVITALIZAÇÃO"	53
4.1 Principais intervenções após a desativação dos serviços rodoviários	53
4.2 "Revitalização"	61
4.3 Impasses estruturais e "problema social"	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa serão tratados aspectos relacionados às relações sociais entre alguns sujeitos que compõem o universo da Antiga Rodoviária de Campo Grande - MS e seu entorno, com maior destaque para a análise entre comércio local e grupos estigmatizados. A escolha deste objeto de pesquisa se deu a partir da curiosidade suscitada na busca de um entendimento melhor desse espaço próximo ao centro e visto como *lócus* de marginalidade, em que a elaboração de discursos pelos meios de comunicação destacam a criminalidade, o perigo, a violência e o abandono como características marcantes do lugar.

Tido historicamente como objeto de investigação dos estudos urbanos no Brasil, as pesquisas sobre pobreza e marginalidade nas áreas centrais das cidades, vem sendo elaborado de forma mais intensa nas últimas décadas, em especial o fenômeno social do *crack*, que mobiliza políticas públicas e gerenciamentos de diversos tipos estão na ordem do dia das agendas governamentais.

Entretanto, inicialmente, a Antropologia Urbana, especialmente a paulistana, tomou:

as áreas periféricas como local de pesquisa, buscando compreender detidamente redes de parentesco e de vizinhança, modos de vida, estratégias de sobrevivência, formas de sociabilidade e representações políticas com ênfase em dimensões cotidianas e em representações simbólicas (Frúgoli Jr, 2005, p.141).

A periferia era o lugar urbano marcado pela pobreza e ausência de equipamentos, bem como de concentração das classes populares e de "surgimento de vários movimentos sociais urbanos (Frúgoli Jr, 2005, p.140)". No entanto, as transformações macroestruturais da cidade, deslocamento das classes altas dos chamados centros históricos (Marques, Requena e Hoyler, 2016) e mudanças na periferia (Feltran, 2013), impactaram diretamente a paisagem social urbana, ensejando novas configurações do chamado "problema social" urbano brasileiro. Seguindo Feltran (2013), nas metrópoles brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo, apresentam-se:

Favelas e cracolândias de um lado, novos integrantes da classe média, de outro. Contrafaces, muitas vezes, das mesmas

territorialidades urbanas: as periferias e o centro da cidade; sujeitos presentes – os *trabalhadores*, os *nóias*, os *presos*, as *prostitutas*, as *mães de família*, os *bem sucedidos* – muitas vezes, no seio das mesmas famílias populares (Feltran, 2013, p.308).

Guardada as devidas proporções com as grandes metrópoles, cabe dizer que na cidade de Campo Grande – MS também há áreas centrais consideradas como envelhecidas. A exemplo da Antiga Rodoviária ou a "Rodô", situada no bairro Amambaí e localizada no quarteirão entre as ruas Dom Aquino, Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco e Vasconcelos Fernandes.

Nesse lugar é marcante a presença de moradores de rua e usuários de drogas no entorno, bem como de garotas de programa no interior do prédio, em que funciona o Centro Comercial Terminal do Oeste. Além disso, de forma geral, percebe-se a presença predominante de moradores de camadas médias no bairro, que, em sua maioria, não usufrui do comércio da Antiga Rodoviária.

Moradores de rua, usuários de drogas e garotas de programa¹, são sujeitos que territorializaram-se na "Rodô" e desenvolvem relações diretas com o lugar e os comerciantes do Centro Comercial. Desta forma, a pesquisa procura identificar as relações estabelecidas entre comerciantes, clientes, frequentadores e religiosos com esses sujeitos que são vistos de forma estigmatizada por vários interlocutores.

Portanto, para o desenvolvimento desta pesquisa, que seguiu um viés etnográfico, foram realizadas observações participantes em espaços específicos de interação, em consonância com conversas informais e entrevistas semiestruturadas, além de pesquisa em documentos públicos. Estas diferentes frentes de investigação permitiram apreender um conjunto significativo de dados fruto de interações e discursos advindos de contextos variados.

No primeiro capítulo, serão tratados os principais aspectos históricos do antigo terminal rodoviário, destacando sua função social para a cidade na década de 1980 até meados da de 1990, em termos de lazer, comércio, serviços rodoviários e também como prestador de serviços públicos, até seu declínio e a desativação dos serviços rodoviários em 2010. Ademais, segue-se com as principais contribuições teórico-metodológicas no

_

¹ Ressalta-se que a categoria *garotas de programa* é ressignificada para designar as mulheres que trabalham realizando programas sexuais na "Rodô", que em sua maioria possuem faixa etária acima dos quarenta anos de idade.

campo da Antropologia Urbana, tanto no âmbito da pesquisa social Foote Whyte (2005), Fry (2011), Magnani (2002), Rocha e Eckert (2003), quanto em aspectos teóricos Frúgoli Jr (2010, 2012, 2016), Rui (2014).

No segundo capítulo, será apresentado um panorama dos dois principais espaços comerciais da "Rodô", ilustrando aspectos da vida cotidiana do comércio local. Para tanto, serão realizadas descrições dos estabelecimentos comerciais, de seus clientes e frequentadores, bem como dos sujeitos estigmatizados. Por conseguinte, busca-se expor durante todo o capítulo as dinâmicas territoriais em termos de constituição de fronteiras invisíveis por meio da corporalidade, da relação entre lugares, da circulação de sujeitos e dos borramentos advindos.

No terceiro capítulo, será realizada uma análise mais detida em dois espaços circunscritos. A partir da observação participante, analisa-se as relações estabelecidas numa lanchonete/bar, entre um comerciante, frequentadores, clientes formais e sujeitos estigmatizados. Evidencia-se as diferenças nas interações que apresentavam variações em diferentes graus, que se associavam diretamente ao tipo social dos sujeitos. Concomitantemente, há uma análise de ritual em uma ação caritativa de uma igreja evangélica nas madrugadas dos finais de semana. Destaca-se que ambos os espaços permitiram acessar a aspectos importantes relacionados aos moradores de rua e usuários de drogas, que acrescidas de entrevistas e conversas informais com outros sujeitos, bem como de observações diretas, permitiram analisar usos e contra-usos dos lugares.

No quarto capítulo, serão analisados alguns aspectos em torno da "revitalização" ou "requalificação", através da análise de discursos, bem como de documentos públicos e jornais eletrônicos. Em seguida, elenca-se as principais intervenções realizadas ao longo dos últimos sete anos na "Rodô", destacando-as a partir do seu caráter "desvalorizante" ou "revalorizante". Por fim, identifica-se os possíveis impactos dos projetos oficiais de "revitalização" previstos para serem realizados, mas também trazendo os impasses estruturais que envolvem a Antiga Rodoviária, bem como a questão dos sujeitos vistos como "problema social" do lugar.

CAPÍTULO I A "RODÔ": ENTRE A HISTÓRIA E A ANTROPOLOGIA URBANA

1.1 Aspectos históricos da Antiga Rodoviária de Campo Grande

A Antiga Rodoviária de Campo Grande – MS, também conhecida popularmente como "Rodô"², teve seu complexo rodoviário inaugurado definitivamente em 1976 e conta com uma estrutura de 30.000 m². Idealizada pelo arquiteto Adir Moura, a "Rodô" foi dividida em três administrações distintas: o Centro Comercial Condomínio Terminal do Oeste é administrado por um síndico, que através da arrecadação das taxas de Condomínio, se ocupa da manutenção das áreas de uso comum dos locatários, bem como pela segurança privada interna e a limpeza realizada pelos funcionários. O Terminal Rodoviário Urbano compreende o setor que era responsável pelo embarque e desembarque dos ônibus de coletivos urbanos integrados da cidade. E a Estação Rodoviária Heitor Eduardo Laburu, que era responsável pela administração no setor de transbordo de ônibus intermunicipais e estaduais.

Na década de 1960, o terminal rodoviário de Campo Grande localizava-se na avenida Calógeras. Era visto como mal localizado e não possuía uma infraestrutura adequada para a crescente população urbana. Neste sentido, os empresários conhecidos como irmãos Laburu (Heitor Eduardo Laburu e Heitor Alberto Laburu) tomaram a frente do empreendimento da construção de um novo terminal rodoviário que atendesse às necessidades apresentadas e, para isso, fizeram um contrato com a prefeitura municipal da cidade em 1968, tornando concreto o projeto como idealizadores e incorporadores do Novo Terminal Rodoviário, que segundo a monografia das autoras Ana Claudia Messias e Darleny Alves Castelhano (1999), intitulada *Estrutura e funcionamento da estação rodoviária Heitor Eduardo Laburu*, seria construído para ter uma vida útil de 40 anos. Após a celebração do contrato, iniciou-se a construção do

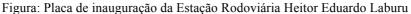
² Nome popular atribuído ao atual complexo rodoviário. No presente trabalho, a "Rodô" será o espaço que compreende todo o complexo rodoviário mais o entorno.

terminal com mais de 700 trabalhadores contratados para a obra. No seu projeto continha a construção de quatro peças distintas: condomínio com capacidade de comportar 236 estabelecimentos com dois cinemas, estacionamento no subsolo, terminal urbano e terminal interestadual. O término da primeira etapa do complexo rodoviário ocorreu em 1973, com a inauguração do terminal interestadual, ocorrida na administração do prefeito Antônio Mendes Canale; a estação rodoviária urbana foi inaugurada em maio de 1975; e, por último, o Condomínio Terminal do Oeste foi aberto em outubro de 1976.

Figura: Terminal Rodoviário Urbano

Construção e Inauguração do terminal

Fonte: Medeiros (2014)





Fonte: Medeiros (2014)

Após sua inauguração definitiva, a "Rodô" tornou-se central para a cidade de Campo Grande, pois concentrava grande parte dos serviços de transportes de passageiros da cidade e do estado, além de ser considerada uma espécie de shopping municipal, chegando a comportar em seu centro comercial duas salas de cinema: o chamado Cine Plaza³ e o Center, grandes lojas de departamento como a Riachuelo e a Lalai Doces, agências bancárias etc. Além disso, o prédio já abrigou algumas prestadoras de serviços públicos como a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, Agência Municipal de Transporte e Trânsito e Junta Militar. Ou seja, todo o complexo rodoviário era responsável por atender as demandas de transportes na esfera municipal e estadual, logo o fluxo diário de citadinos que circulava pelo Terminal Rodoviário Urbano e de viajantes que desembarcavam na Estação Rodoviária, formava a clientela do Centro Comercial Condomínio Terminal do Oeste, que já teve 236 lojas em funcionamento.

Na administração do prefeito Levy Dias (1980-1982), houve a transferência de instalações da prefeitura para o Condomínio, que permaneceram no local por algum tempo até a construção de suas sedes próprias. Em toda a década de 1980, "a rodoviária registrou a maior movimentação de sua história" (Medeiros, 2014), por ser considerada na época um ponto importante de encontro das famílias de Campo Grande. Em síntese, a "Rodô" desempenhou, por um determinado período histórico, especialmente entre 1976 até meados da década de 1990, um papel fundamental para a cidade de Campo Grande, do ponto de vista sociocultural, ao atender as necessidades urbanas da crescente população campo-grandense em termos de serviços de transporte rodoviário e opções de lazer e consumo. A Estação Rodoviária foi considerada o principal terminal rodoviário da cidade por muitas décadas, servindo inclusive como porta de entrada a turistas e viajantes de diferentes localidades do Brasil.

³ Funcionou de 1977 a 1993 em: http://www.cpcb.org.br/artigos/historia-dos-cinemas-de-campograndems/

Figura: Estabelecimento comercial no Condomínio

Fonte: Medeiros (2014)

Entretanto, com o aumento populacional de Campo Grande, alguns setores do complexo rodoviário começaram a ficar sobrecarregados, pois a ", estação rodoviária, por exemplo, foi construída para atender uma população na época de 131.110 habitantes e hoje, vinte e cinco anos depois, não consegue atender satisfatoriamente as necessidades dos usuários (Messias e Castelhano, 1999, p.34)."

No ano de 1999, havia 20 empresas de ônibus em funcionamento no terminal rodoviário, juntas somavam um fluxo diário de 167 ônibus. Dentre as empresas de transporte, podemos citar: Andorinha, Reunidas, Maringá, Mato Grosso, Queiroz, Umuarama etc. Salienta-se que a principal motivação das viagens dos usuários estava relacionada a passeios e lazer. Tal inferência é reforçada pelos dados provenientes do fluxo de passageiros, que revela um número exponencialmente maior nas férias e feriados (Messias e Castelhano, 1999). Além disso, segundo dados gerais da estação rodoviária, excluindo da contagem os passageiros dos transbordos municipais, a média do fluxo mensal de passageiros embarcados entre janeiro de 1998 a setembro de 1999 foi de 49.330 passageiros.

Do ponto de vista dos antigos comerciantes do condomínio, o período de "ouro" da Antiga Rodoviária é rememorado como um período marcado como "muito bom", pois havia um grande fluxo de clientes, em que mal havia tempo para comer⁴ e que

-

⁴ Relato de uma proprietária de um salão de beleza, que trabalha há mais de 18 anos no Condomínio.

promoveu uma espécie de "ascensão"⁵. Além disso, segundo o antigo síndico do centro comercial, a arrecadação de impostos sobre circulação de mercadorias da "Rodô" era maior que a de algumas cidades do interior do Estado.

No ano de 1999, a população campo-grandense era de 649.593 habitantes⁶, e a Estação Rodoviária apresentava sinais de saturação em termos estruturais, tais como: espaço, segurança, estética e funcionalidade (Messias e Castelhano,1999). Dentre esses aspectos, destaca-se a questão da segurança como um elemento de saturação do complexo rodoviário. Já nessa época, havia tanto guardas particulares responsáveis pela prevenção de crimes dentro do condomínio, quanto policiais militares que tinham o papel de reprimir alguma ocorrência no entorno e no interior do prédio. Entretanto, havia no entorno do prédio a ocorrência de prostituição e também de atividades relacionadas às drogas, que pelo fato do complexo rodoviário sempre ter sido uma área aberta, tornava tais questões evidentes aos olhos de quem passasse pelo local. Neste sentido, a "Rodô" antes mesmo de ter parte dos seus serviços desativados, esteve ligada à presença histórica de práticas relacionadas às atividades ilícitas e ilegais nas cercanias do prédio. Segundo, o interlocutor Fred⁷ – ativista de direitos humanos - o local:

[...] antes mesmo de ser rodoviária era um espaço de transgressão, em que antes de se construir o prédio rodoviário, já se jogavam animais e lixo, e também era um ponto de encontro sexual [...] um não-lugar⁸, que se permite a compra e uso de drogas no anonimato, e quando a rodoviária funcionava ali, flutuava-se muito dinheiro, que tornava possível também conseguir dinheiro de forma anônima [...].

Já na década de 1990 e no início dos anos 2000, acompanhado da expansão da cidade, crescimento urbano, construção de novos shoppings (Campo Grande e Norte Sul) e terminais rodoviários (Morenão, Guaicurus, Hércules Maymone etc.), o complexo rodoviário passou a ser fortemente impactado por tais mudanças estruturais do cenário urbano campo-grandense, resultando na diminuição constante e gradativa de clientela ligada ao comércio formal. O ápice do processo de esvaziamento de tais

⁵ Relato de um comerciante de uma lanchonete que trabalha no estabelecimento desde o início dos anos 1980.

⁶ Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

⁷ Homem branco, formado em audiovisual pela USP e coordenador de um coletivo sem fins lucrativos de Difusão Cultural e Redução de Danos Sócio Comportamentais que atua junto aos grupos da Antiga Rodoviária.

⁸ Sentido utilizado para denotar lugares de passagem (Augé, 2012).

clientes, se deu com a desativação dos terminais rodoviários urbano e interestadual em 2010⁹, colaborando para o fechamento de vários estabelecimentos do Centro Comercial. Em contrapartida, tornou-se mais evidente a presença de usuários de drogas, moradores de rua e prostituição, fazendo com que alguns setores do comércio local e do entorno, se relacionem de forma mais direta com esses grupos vistos de forma estigmatizada (Goffman, 2004).

Atualmente os corredores do complexo rodoviário se encontram praticamente vazios durante os horários de funcionamento das atividades comerciais. Grande parte das salas do Condomínio encontra-se fechadas, restando de 55 a 60 estabelecimentos comerciais abertos. O principal serviço responsável por movimentar clientes de forma mais assídua no antigo terminal rodoviário é o transporte de passageiros com vans para o interior e para outros estados da região centro oeste. Isso ainda proporciona a circulação de escassa clientela formal.

1.2 A "Rodô" sob o olhar da Antropologia Urbana

O presente trabalho se insere no campo das Ciências Sociais, especialmente na área da Antropologia Urbana, mas com interfaces com a Sociologia Urbana e a Geografia Social. O desenvolvimento do presente estudo se deu a partir da curiosidade de realizar uma investigação social de uma área construída no imaginário social como "degradada", marcada pela presença de usuários de drogas, prostituição e moradores de rua. Por conseguinte, visa-se compreender a trama das relações sociais, no campo da interação social e/ou no da representação através dos discursos, entre os diferentes grupos sociais: populações de rua, garotas de programa, evangélicos, consumidores, comerciantes e poder público.

Ao iniciar as incursões na "Rodô", foi priorizado a observação sistemática nos espaços comerciais e no entorno, visando identificar os sujeitos, padrões de relação, ou seja, aquilo que é recorrente (Magnani, 2002) e marca o cotidiano local. Ao perambular pelos corredores do Centro Comercial durante o dia, não raramente era possível ter a impressão de que não haveria nenhum dado significativo que permitisse adentrar o universo do antigo terminal rodoviário, pois, à primeira vista, o que predominava nos

-

⁹ Fonte: http://www.ibiss-co.org.br/site/noticiaVer/149/.

corredores era o vazio, a ausência de clientes e grande parte dos estabelecimentos fechados. No entorno, compunham a paisagem social diversos equipamentos urbanos: brechós, casa lotérica, pontos de taxistas e moto taxistas, igrejas evangélicas lanchonetes, bares, hotéis, imóveis fechados e depredados e, principalmente, notava-se de forma marcante a presença da alteridade urbana estigmatizada (Verás, 2016), especialmente de populações de rua, que durante toda a pesquisa estiveram fisicamente pertos, porém culturalmente distantes.

Fazer um trabalho de antropologia na e da "Rodô" apresentou-se como uma experiência singular, que levantou desafios de ordem metodológica, processos de interação com os sujeitos, bem como limitações, alcances e reflexões acerca dos grupos tornados estigmatizados no local.

Destaca-se, ao longo do trabalho, influências de diversos autores e perspectivas contribuíram teórico-metodológicas. Um dos autores fundamentais que metodologicamente, para a construção do trabalho antropológico¹¹ é Willian Foote Whyte (2005), que, em sua obra clássica, Sociedade de Esquina, realiza um estudo sobre uma área urbana pobre e degradada¹². No presente trabalho, o conceito de degradação é ressignificado para pensar a Antiga Rodoviária e seu entorno como local de presença de moradores de rua, usuários de drogas e garotas de programa, que são vistos pelo imaginário social da redondeza e também por sujeitos do próprio lugar, como pessoas que tornam o espaço sujo (Douglas, 1991), perigoso, precário e desvalorizado. Além disso, o estabelecimento de relações de confiança com um interlocutor chave – comerciante de mais de 70 anos de idade e com vivência de mais de três décadas no prédio, como desenvolvido por Foote Whtye, foi fundamental para acessar falas e interações de grupos sociais específicos do cotidiano da "Rodô", pois em

.

Referenciado (Magnani, 2016), que diferencia antropologia na cidade de antropologia da cidade, em que o primeiro é baseado numa análise a partir dos códigos, arranjos e signos dos próprios sujeitos, e o último é baseado numa análise que procura identificar fenômenos mais gerais do urbano, que vão além dos arranjos individuais dos sujeitos. A proposta do trabalho é analisar as relações nos âmbitos microespaciais, identificando códigos estabelecidos entre os sujeitos na "Rodô"; de forma complementar, busca-se compreender os impactos das ações de atores públicos e privados sobre a espacialidade da "Rodô".

¹¹ "Produção de trabalhos científicos que tem por finalidade registrar, descrever e formular análises compreensivas sobre alguma sociedade ou grupo (Aguilera Urquiza, 2016)".

¹² Termo retirado do livro *Sociedade de Esquina (2005)*, de Foote Whyte, que é definido pelo autor como uma área urbana pobre de alta concentração de pessoas de baixa renda vivendo em habitações dilapidadas, em péssimas condições sanitárias e de saúde.

sua lanchonete/bar desenrolam-se relações de contato entre o comerciante, consumidores, trabalhadores do entorno e grupos estigmatizados.

No que diz respeito à produção da antropologia urbana brasileira, destaca-se primordialmente a produção inicial de Eunice Duhram (1986) e Ruth Cardoso (1986) que buscavam compreender as questões urbanas no Brasil. Posteriormente, desponta Gilberto Velho (1999) propondo análise das sociabilidades dos setores médios urbanos brasileiros. No entanto, para o presente TCC, o antropólogo urbano José Guilherme Cantor Magnani (2002, 2016) traz contribuições marcantes para o trabalho de campo, ao propor que o antropólogo deve compreender os signos inteligíveis de um determinado grupo a partir dos arranjos estabelecidos pelos próprios sujeitos¹³. Outros dois antropólogos brasileiros, que ajudaram a pensar algumas questões, são Taniele Rui (2014, 2014) e Heitor Frúgoli Jr (2010, 2012, 2016) que vão discutir do ponto vista histórico e antropológico a questão social que envolve usuários de crack na região da Luz em São Paulo.

Taniele Rui analisa as tramas de relações que envolve usuários de crack e suas práticas espaciais, bem como a corporalidade como elemento fundamental de identificação distintiva. Por outro lado, Frúgoli Jr colabora na compreensão de possibilidades de conexões, relações e representações para com as populações de rua. Neste sentido, ambos os autores contribuíram para o trabalho etnográfico, especialmente na análise que envolve os grupos estigmatizados da "Rodô" com o espaço e as possibilidades de relações com o comércio local e o entorno.

Por último, o texto das antropólogas Ana Luíza de Carvalho Rocha e Cornelia Eckert denominado *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana* orienta na realização dos percursos tanto dentro do Centro Comercial quanto nas ruas do entorno, nas observações das ações cotidianas, deslocamentos, processos de compreensão de fragmentos, linguagens recorrentes (Rocha e Eckert, 2003). As autoras destacam também a importância da frequência do etnógrafo no lugar estudado, para uma apreensão mais completa e minuciosa.

Neste sentido, a etnografia "na" rua consiste no desenvolvimento da observação sistemática de uma rua e/ou das ruas de um bairro e da descrição etnográfica dos cenários, dos personagens que conformam a

_

¹³MAGNANI, José Guilherme. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.17. n.49.

rotina da rua e bairro, dos imprevistos, das situações de constrangimento, de tensão e conflito, de entrevistas com *habitues* e moradores, buscando as significações sobre o viver o dia-a-dia na cidade (Rocha e Eckert, 2003, p.5).

Com as frequentes idas à "Rodô", principalmente nos turnos matutino e noturno, observações sistemáticas, tanto na rua quanto em espaços comerciais, junto a tentativas de aproximações, permitiram a identificação de espaços e contextos de interações entre sujeitos tidos como "normativos" com grupos estigmatizados. Neste sentido, foi possível minha inserção em dois contextos específicos: na lanchonete/bar do Comerciante Y¹⁵ e numa atividade caritativa de uma Igreja Evangélica com os grupos que se situam no entorno do lugar, especialmente, nas madrugadas no final de semana. Essa inserção junto aos evangélicos permitiu entrar em contato com vários sujeitos, inclusive com as populações de rua, em que a partir de um olhar mais de perto, permitiu apreender as interações desenvolvidas em torno dessa ação social, bem como colaborou para pensar a "Rodô" e seus grupos para além do estigma.

Concomitantemente, foram levantadas questões sobre as dinâmicas socioespaciais dentre os grupos sociais do Centro Comercial e do comércio noturno de lanches, a partir de observações diretas e conversas informais com comerciantes, garotas de programa e outros sujeitos. Também, procurou-se acessar dados sobre a população de rua local, a partir de conversas informais e contatos situacionais com alguns sujeitos desses grupos, acompanhado de observações diretas nos percursos realizados nas ruas do entorno, bem como do acesso de dados oriundos de trabalhos acadêmicos sobre a Antiga Rodoviária.

Em síntese, foi possível apreender minimamente aspectos relacionados as sociabilidades entre grupos tidos como "normativos" e estigmatizados presentes na vida cotidiana do local. Além disso, foram realizadas conversas informais e entrevistas semiestruturadas com comerciantes, trabalhadores do entorno, uma garota de programa, duas moradoras do bairro Amambaí, gerentes do Condomínio, clientes, uma política e dois ativistas de direitos humanos. Em contrapartida, as limitações de ordem pessoal,

¹⁴Seguindo a reflexão de sujeito "normal" de Goffman (2004), na qual a identidade social de normalidade *versus* estigmatizado só se estabelece em situações específicas de contatos mistos entre os dois tipos sociais. Logo, utiliza-se o termo sujeito "normativo" como sinônimo de "normal". No meu campo, os sujeitos tidos como "normativos" seriam comerciantes, moradores do bairro, clientela formal, ativistas e membros da igreja evangélica.

¹⁵Auto-identificação sugerida pelo próprio comerciante.

tais como: indisponibilidade de estar assiduamente nos períodos vespertinos e também de caráter subjetivo, limitaram a apreensão de narrativas de outros sujeitos.

Acrescentam-se também dois eventos de natureza externa: primeiro é a impossibilidade dos dois ativistas irem a campo, já que ambos têm relações próximas aos grupos estigmatizados do lugar. Um desenvolveu trabalhos de redução de danos¹⁶ com garotas de programa e usuários de drogas, e a outra conhece alguns moradores de rua de forma mais profunda, inclusive suas histórias de vida. O segundo evento referese à presença ostensiva da guarda municipal e da polícia militar por um determinado período¹⁷ numa operação de desarticulação do tráfico local¹⁸, que foi acompanhada de frequentes batidas¹⁹ no entorno e em corredores específicos do prédio. Diante disso, como dito anteriormente, aparecem breves falas de sujeitos em situação de rua em contextos específicos de interação social, que apesar das limitações impostas, são qualitativamente significativos, pois segundo, Peter Fry:

O que as pessoas fazem e dizem em situações sociais que podemos observar valem, do meu ponto de vista, muito mais que entrevistas formais, que tendem a apanhar posições normativas. Observando várias situações, como pregava Gluckman, é uma maneira interessante de tentar apanhar o máximo possível do processo social e de poder se aproximar a uma análise mais fina da relação entre ação e representação (Fry, 2011, p.11).

Assim sendo, constata-se a impossibilidade do antropólogo tornar-se uma espécie de semi-camaleão²⁰, incapaz de inserir-se e ser aceito naturalmente pelo grupo e incorporar os referenciais da cultura do outro, pois:

Apesar de uma presença frequente aos lugares, da insistência para ser visto e reconhecido pelo olhar do Outro, na etnografia de rua o contato nasce sempre de um pedido de consentimento à interação e troca possíveis que se seguem ao reconhecimento dos movimentos, olhares, ruídos, locais, códigos e etiquetas a serem observadas à aceitação da comunicação solicitada (Eckert e Rocha, 2003, p. 7).

¹⁶ "A redução de danos caracteriza-se como uma abordagem ao fenômeno das drogas que visa minimizar danos sociais e à saúde associados ao uso de substâncias psicoativas" In: http://edelei.org/pag/reducaodanos. Além disso, no contexto da "Rodô", foram realizadas práticas de conscientização acerca do uso da droga com audiovisuais, bem como distribuição de preservativos.

¹⁷ Revistas e batidas policiais em que pude presenciar no mês de abril e maio de 2017.

¹⁸Disponível em: www.midiamax.com.br/policia/video-policias-fazem-operacao-integrada-regiao-antiga-rodoviaria-334185.

¹⁹ Observações recorrentes no mês de maio, segundo o caderno de campo.

²⁰ Clifford Geertz (2009).

O processo de construção de interlocução se apresenta de forma extremamente complexa, que envolve subjetividades tanto do pesquisador quanto do interlocutor e a negociação não raramente é difícil. Tomando a própria experiência na "Rodô", essa difículdade em estabelecer contatos se deu de forma mais proeminente com usuários de drogas, moradores de rua e garotas de programa, que diante das tentativas de aproximação do pesquisador (sujeito "de fora"), tais pessoas não se interessaram em estabelecer uma comunicação dialógica, pois as diferenças na corporalidade, modo de falar, agir e se aproximar, revelaram um distanciamento sociocultural para com eles, que atrelado à ausência de pessoas de confiança dos sujeitos estigmatizados (os dois ativistas) que mediassem a relação, presença ostensiva da polícia e a impossibilidade da pesquisa oferecer "algo em troca", complicou os termos da negociação e desenvolvimento de uma interlocução mais profunda.

Por conseguinte, no presente trabalho predominarão narrativas dos comerciantes do antigo terminal rodoviário, combinadas com as observações, em consonância com reflexões teóricas. Isso permitiu apresentar elementos significativos referentes à Antiga Rodoviária, desde um panorama geral da paisagem social do lugar, com ênfase no comércio local e também aspectos relacionados a dinâmica social — circulação, fronteiras e arranjos - entre os grupos estigmatizados e os tidos como "normativos", que abre margens para a reflexão e problematização acerca das representações simbólicas lançadas sobre a construção da alteridade, bem como do próprio processo de "degradação" da Antiga Rodoviária.

CAPÍTULO II COMÉRCIO E TERRITORIALIDADE NA "RODÔ"

2.1 Panorama geral do comércio na "Rodô"

Atualmente a "Rodô", com a desativação de seus serviços rodoviários, apresenta atividades comerciais em dois setores: o Centro Comercial Condomínio Terminal do Oeste e a chamada "Praça de Alimentação"²¹. O primeiro funciona de segunda-feira à sexta-feira no período diurno e o outro de segunda-feira a sábado no período noturno.

Ao perambular, nas manhãs, pelo centro comercial, o que mais se encontra são corredores com a maior parte das salas fechadas. Muito distante da lotação de clientes dos tempos de auge do lugar, o que se destaca, à primeira vista, no centro comercial, é justamente o vazio abundante. No entanto, resistem no condomínio em torno de 25% de estabelecimentos em funcionamento, formados por comerciantes inquilinos, bem como proprietários de salas.

De forma mais detalhada, o Centro Comercial Condomínio Terminal do Oeste é composto pelo piso inferior (térreo), onde se situa praticamente a totalidade do comércio, e o piso superior (2º andar) onde ficavam os antigos cinemas Plaza e Center. Ao vir das ruas do entorno, pela manhã, principalmente pela avenida Barão do Rio Branco e pela rua Dom Aquino, em direção ao prédio, o transeunte se depara com estabelecimentos comerciais do Condomínio que ficam de frente para as calçadas das respectivas avenidas e logo também avista o corredor que dá acesso ao térreo do Condomínio.

Neste espaço, estão vários estabelecimentos: escritórios de advocacia; empresas de venda de passagens de ônibus e avião para a região centro oeste; a sede da União dos Produtores Rurais de Mato Grosso do Sul; a sede da Sociedade de Esperanto de Mato Grosso do Sul; duas relojoarias; imobiliária; mercearias; fábrica de salgados; lojas de artigos eletrônicos e roupas; costureira de sapatos; bares; restaurantes; lanchonetes; sala da administração; barbearias; salões de beleza etc.

-

²¹ Nome de identificação atribuída por uma das gerentes do prédio ao comércio noturno de lanches.

Além disso, há a presença da guarita da Guarda Municipal (área da prefeitura), que atua em conjunto com a segurança privada do condomínio, no intuito de reprimir crimes no prédio e no entorno. O Centro Comercial também dispõe de funcionários responsáveis pela limpeza do lugar, que, assim como os seguranças privados, têm seus rendimentos pagos através da arrecadação da taxa de Condomínio. Também circulam clientes, em sua maioria passageiros das vãs, bem como funcionários das lojas, garotas de programa e seus potenciais clientes, vendedores ambulantes, frequentadores entre outros sujeitos.



Fonte: Medeiros (2014)

O segundo andar conta somente com a presença de um escritório de advocacia e um escritório de contabilidade. São muitas as salas fechadas. Alguns imóveis depredados, como o antigo Cine Center, além de várias partes do telhado com furos, que formam poças de água no chão e falta de iluminação. Na pesquisa de campo, ao tentarmos nos aproximar do escritório de advocacia, rapidamente tocou uma sirene quando estávamos a poucos metros da porta, avisando a chegada de pessoas ao local. Apareceu, então um homem com idade avançada – mais de 60 anos – e uma cara pouco receptiva e desinteressada em atender dois universitários²², recusando prontamente uma inicial conversa.

Logo em seguida, dirigimo-nos ao escritório de contabilidade, que se situa no mesmo corredor, e tivemos um rápido contato com o proprietário do estabelecimento²³.

²² Nesta ocasião, no dia 16/03/2016, estava acompanhado de um colega.

22

.

²³ Beltrano (pseudônimo) revelou que comprou o imóvel nos anos 1990 por 30 mil dólares.

Meses depois, ao retornar ao estabelecimento, o colega de trabalho do proprietário do escritório encontrava-se somente na companhia de um outro rapaz, e começou dizendo que está para se mudar dali, pois abriu escritório em outro lugar. Ele relatou também que o valor do aluguel mensal de um imóvel no segundo andar é de R\$ 350,00, mas que as pessoas não alugam ali por conta dos "drogados"²⁴.

Por conseguinte, a escassa presença de um fluxo de pessoas nos dois pisos do Condomínio, comparado ao período de funcionamento dos serviços rodoviários, é diretamente associado à desativação dos terminais rodoviários e à possível presença de usuários de drogas, traficantes e moradores de rua no entorno do prédio, em que, segundo relatos colhidos por comerciantes entrevistados, esses sujeitos podem gerar sentimentos de medo nos clientes, bem como nos potenciais investidores, afastando-os do Centro Comercial.

Os usuários de drogas e os moradores de rua, poderiam ser implicitamente, relacionados à criminalidade e à violência urbana, que podem ser encontradas nas imediações do prédio. Tais percepções, realçadas pela veiculação midiática de matérias depreciativas e inúmeras vezes espetacularizadas (Debord, 1997) sobre a "Rodô", ordenam visões de mundo, muitas vezes repetitivas e estereotipadas, sobre o lugar e de sujeitos específicos (Caldeira, 2000). No entanto, segundo uma antiga comerciante do Condomínio, os longos anos de trabalho no seu salão de beleza, a fizeram conquistar uma clientela fixa, que manteve a "fidelidade" para com ela, possibilitando a permanência do seu comércio em atividade.

No período noturno, na rua Vasconcelos Fernandes, entre a avenida Barão do Rio Branco e a rua Dom Aquino, nas noites e madrugadas de segunda-feira a sábado, atuam os vendedores de lanches em seus respectivos trailers. Essa atividade noturna costuma ser uma opção de consumo para o público da madrugada que busca um lugar para se alimentar. Nessa "Praça de Alimentação" funcionam em torno de seis trailers de lanches, em que são servidos cardápios relacionados a sanduíches variados, pratos feitos, porções, além de refrigerantes, sucos e bebidas alcoólicas.

Cada trailer possui um determinado espaço com suas respectivas mesas, cadeiras, garçons e cozinheiros. Os clientes, ao chegar de carro, avistam os trabalhadores dos trailers acenando com os cardápios na tentativa de conseguir a preferência dos mesmos.

²⁴ Termo utilizado para se referir aos sujeitos que usam drogas na "Rodô".

Ao escolher o local para consumo, o cliente é, rapidamente, abordado no próprio carro, por algum funcionário que lhe oferece o cardápio, questionando se irá consumir no carro? Estacionar no acostamento da rua e lanchar ao ar livre nas cadeiras? ou levar para viagem?

Não há presença de seguranças particulares no espaço de consumo, ficando a cargo da guarda municipal e da polícia militar que, de hora em hora, fazem algumas rondas pelas ruas do entorno, bem como pela própria rua em que estão os consumidores. O público consumidor atingiu durante os horários de observação a campo, geralmente das 23h00 até 1h30, em torno de 20 a 40 pessoas. Ele era composto, majoritariamente, por pessoas adultas, famílias, grupos de amigos e até mesmo pessoas oriundas das "baladas" noturnas. O público era menor nos dias de semana e aumentava nos feriados e finais de semana.

Também circulam *hippies* com seus "trampos" e vendedores ambulantes tentando comercializar seus produtos para os consumidores locais. Eles conversam e interagem com os potenciais clientes, através da confecção de objetos na hora, exposição de colares e pulseiras, gerando conversas mais demoradas, que podem resultar na compra de alguma mercadoria pelo cliente ou mesmo um rápido contato formal em que o cliente não se mostra interessado nos produtos oferecidos.

Garotas de programa podem passar ligeiramente pelo perímetro dos consumidores, sendo encontradas nas esquinas do entorno ou na própria esquina da Vasconcelos com a Barão do Rio Branco. Portanto, a presença de variados tipos de sujeitos revela que este espaço comercial está inserido na noção de sociedade complexa (Velho, 1994) por conta da presença de heterogeneidade cultural, caracterizado pela pluralidade de grupos, com diferentes ocupações e identidades distintas (Eckert, 2005), que permitem diferentes e "intensos processos de interação entre grupos e segmentos diferenciados" (Eckert, 2005, p.3), ainda que efêmeras e transitórias.

Apesar da possibilidade de estabelecer relações mais intensas com diferentes sujeitos, também coexistem na "Praça de Alimentação", formas de relação pautadas no caráter *blasè* (Simmel, 2005). Percebe-se algo como uma indiferença de consumidores para com os *hippies* e os vendedores ambulantes que passam oferecendo suas mercadorias, pois além do desinteresse quanto à mercadoria, o consumidor demonstra uma "atitude de reserva" (Simmel, 2005, p.577) na tentativa de se proteger destes

"outros". Entretanto, o comércio de lanches noturno, também tornou-se uma espécie de *point de encontro* (Sodré, 2006) de pessoas que chegam em grupos ou se encontram no lugar, geralmente após as atividades noturnas de lazer. Ali eles lancham e sociabilizam.

No corredor situado atrás dos trailers pode se observar o trânsito de sujeitos em situação de rua, bem como garotas de programa, já que servem como ponte de acesso para os hotéis da rua Dom Aquino. Sujeitos em situação de rua, podem ser visualizados das mesas que ficam no último trailer – esquina com a avenida Barão – sentados nas calçadas com cobertores ou colchões, e circulando pela avenida. Além dos clientes e trabalhadores dos *trailers*, os sujeitos de rua são constantemente vigiados pelas câmeras de segurança instaladas nas paredes do prédio da Agência Brasileira de Correios e Telégrafos, que são utilizadas pela polícia para retirar e até prender. Há muita vigilância, bem como formas de punição²⁵ (Foucault, 1999). Segundo um rapaz que trabalha em um *trailer*, o objetivo é impedir que os sujeitos de rua adentrem à "Praça de Alimentação".

Fulano X²⁶ - rapaz negro que tem aparência de ser um menor de idade – revelou que sua jornada de trabalho se dá durante a semana das 19h00 até às 03h00, e que o público consumidor vem diminuindo por conta da presença de "nóias"²⁷ e pessoas passando drogas²⁸, pois, segundo ele, as pessoas teriam medo de ocorrer algum tipo de violência. Não obstante, percebe-se que parte dos consumidores que chegam de carro na Vasconcelos, fazem os pedidos e até mesmo chegam a lanchar dentro do veículo, pois mesmo estando na "praça de alimentação" não deixam de estar na Antiga Rodoviária, logo, perto da "cracolândia", pois ao mesmo tempo em que se está num território circunscrito físicamente e construído para um objetivo comercial, também se está num território mais amplo da "Rodô", que circulam marginalidades e ilegalidades, ou seja, o território carrega em si vários sentidos que estão em constante disputa simbólica (Haesbaert, 2007), podendo causar impacto no comportamento daqueles que procuram o complexo rodoviário nas noites e madrugadas, mesmo que seja somente para se

-

²⁵ Observações diretas de abordagens violentas por parte da polícia, bem como de relatos dos dois ativistas de direitos humanos, revelaram agressões sofridas por pessoas em situação de rua.

²⁶ Pseudônimo para referir-se a um trabalhador de um trailer em conversa informal realizada na madrugada do dia 21/03/2016.

²⁷ Termo popular para designar viciados em drogas, com maior ênfase nos usuários de crack.

²⁸ Observações realizadas sentado na mesa de um dos trailers no ano de 2016, permitiu a visualização de atividades relacionadas a vendas de drogas na esquina da avenida Barão com a Vasconcelos.

alimentar. No entanto, Fulano X disse que a polícia vem monitorando a região, com a finalidade de identificar os traficantes e diminuir o consumo de drogas na região.

Figura: "Praça de alimentação" em funcionamento

Fonte: Campo Grande News (julho/2013)

Se por um lado, certos sujeitos são vistos como um "problema" que gera medo, logo necessitam ser controlados e monitorados (Foucault, 1999), pois tornam a própria "Rodô" "problemática" e "perigosa" por outro lado, há comerciantes que destacam a importância histórica da "Rodô", e de forma mais ampla, do próprio bairro Amambaí, para a cidade de Campo Grande. Logo, estes sujeitos evocam a necessidade da revalorização do prédio, que já abrigou várias prestadoras de serviços públicos, os primeiros cinemas de grande porte da cidade, grandes lojas de departamento etc, bem como do bairro Amambaí, que é o primeiro bairro de Campo Grande, que tem o prédio como "coração do bairro"²⁹.

Em síntese, apesar do Centro Comercial Condomínio Terminal do Oeste e a "Praça de Alimentação" enquadrem-se em algo que podemos chamar de "mercado", em que junto ao Estado são tidos como os principais estruturadores da sociedade capitalista moderna (Souza, 2001), em que predominariam relações sociais mais impessoais, percebe-se a existência de complexas interações, que podem apresentar desde um caráter distanciado até relações de maior pessoalidade em diferentes níveis.

-

²⁹ Fala de uma das gerentes do Condomínio.

Além disso, as distintas configurações nos dois territórios comerciais estudados, que apesar de situarem-se na mesma quadra, suscitaram diferentes olhares e possibilidade de análises, pois emergem diferentes paisagens sociais, com suas lógicas específicas.

2.2 Olhares sobre territórios: lugares, fronteiras e circulação

Cabe dizer que, tanto o Centro Comercial quanto a "Praça de Alimentação", são espaços vividos, apropriados por grupos e lógicas específicas, constituindo assim territórios (Haesbaert, 2007). Percebe-se, nestes territórios, certas divisões que demarcam lugares (Leite, 2002), possibilidades de circulação (Magnani, 2002) e fronteiras (Auge, 2010) que envolve tanto a dimensão do prédio quanto a dimensão da rua. Acrescenta-se, a presença mais visível de pessoas em situação de rua no entorno de forma mais constante nas calçadas da avenida Barão do Rio Branco, tanto durante o dia quanto à noite.

No entanto, as relações territoriais que envolvem essas duas atividades apresentam configurações distintas. Durante o dia, público apresenta um padrão normalizado³⁰ que é inteligível e reconhecido como legítimo (Butler, 2014), que não gera "estranhamentos". São homens com chapéus de cowboy, mulheres, idosos, jovens e crianças. É um público assíduo. São os passageiros das vãs. Estas pessoas se encontram sentadas na parte coberta do prédio, ao lado do posto da Guarda Municipal e de uma espécie de estacionamento³¹. A mais ou menos trinta metros desse público, situa-se um dos pontos de encontro de garotas de programa, em que se destaca a presença de mulheres com idade acima dos 40 anos, que podem ser vistas em outras partes da "Rodô". ³²

Nesta calçada, predomina lanchonetes e restaurantes, que servem como opção mais próxima de alimentação para os passageiros das vãs. Ali também há salas

³⁰ Reiterando a nota de rodapé 14, ressalta-se que o "normalizado" só existe na relação com o marginal, ou seja, as identidades se constituem relacionalmente.

³¹ Lugar aonde paga-se algum trocado para estacionar. Também é muito utilizado pelas pessoas para realizar atividades no entorno, como transações na lotérica em frente ao antigo terminal rodoviário.

³² Este público é semelhante ao que compôs o campo de Olivar (2013) em sua pesquisa sobre prostituição feminina em Porto Alegre.

fechadas. Não se vê comumente a circulação de pessoas em situação de rua nesse espaço, seja para trânsito, consumo de mercadorias ou outras atividades quaisquer. Em uma das lanchonetes, trabalha uma mulher branca de aparência próxima aos 40 anos, ela está a menos de um ano trabalhando no estabelecimento que alugou. Esta comerciante contou que costuma vender diariamente mais café e chá, "porque é baratinho", e que a arrecadação só é suficiente para pagar as contas e passar a semana, pois sua escassa clientela é formada pelos passageiros das vãs, bem como pelas próprias pessoas do lugar e alguns do entorno. Não obstante, em duas ocasiões estava um segurança do condomínio e um moto-taxista, ambos consumiram chás e ficaram dialogando entre si, num primeiro momento de forma bem sucinta sobre questões referentes ao Condomínio e posteriormente sobre aspectos mais interpessoais, que só poderiam ser compreendidos por aqueles que compartilham algo para além de relações urbano-sociais (Wirth, 1973), formais e distanciadas.

Os estabelecimentos na rua Dom Aquino têm na calçada um acostamento, onde alguns carros utilizam para estacionamento gratuito, pois não há nenhum responsável por cuidar os carros e nem cobrança via FlexPark³³ ou taxa para o condomínio. Não obstante, um comerciante antigo, revela que a "Rodô" virou um "casarão abandonado", pois, os diversos usos que se faz do lugar, é ausente de regulação de instituições privadas e do Estado. Além disso, do outro lado da rua se encontra alguns hotéis, uma igreja evangélica, uma farmácia e um ponto de ônibus. Esta área serve como porta de entrada para aqueles que desejam adentrar ao condomínio ou usufruir de serviços e mercadorias, de estabelecimentos situados na mesma calçada, como: loja de sapatos, salão de beleza e loja de ótica.

Do outro lado da quadra do prédio, na avenida Barão do Rio Branco, estão fixados os estabelecimentos comerciais que mais recebem consumidores, pois há o trânsito contínuo de carros, que estão indo em direção ao centro da cidade, bem como os equipamentos³⁴ do entorno, como: Correios, lotérica e a rede de brechós. Neste sentido, é mais comum a passagem de adultos e idosos pelas calçadas deste lado do prédio, que tem lanchonetes, salão de beleza, lojas de venda de produtos variados e uma mercearia.

³³ A FlexPark é uma empresa especializada no gerenciamento e na manutenção de estacionamentos rotativos, que utilizam de parquímetros eletrônicos para garantir a rotatividade e aumentar o número de vagas disponíveis em vias públicas. In: http://www.flexparkcontagem.com.br/

³⁴ Neste trabalho, equipamento remete à noção de estabelecimentos públicos e privados, conforme Magnani (2002).

No entanto, do outro lado da rua, nas calçadas, se concentra grande parte da população em situação de rua do entorno, composto por homens e mulheres, em sua maioria adultos, com cobertores nas calçadas e também na esquina. A presença destes sujeitos pode fazer com que transeuntes e consumidores do comércio formal tomem trajetos³⁵ que evitem o encontro com estes grupos. Ressalta-se que as populações em situação de rua, que ficam na mesma rua, porém em calçadas separadas, não transitam no mesmo espaço do comércio e, muito menos, usufruem das mercadorias. Somente pode-se observá-los transitando por alguns estabelecimentos comerciais. No entanto, as garotas de programa podem ser vistas, mesmo que discretamente, circulando pelas calçadas, especialmente nas esquinas, com a finalidade de agenciar a clientela de carro que passa pela avenida³⁶.

Em síntese, mesmo sendo uma das áreas de maior fluxo de clientes, os comerciantes do Condomínio, estabelecidos na calçada da avenida Barão do Rio Branco, veem as vendas como aquém do desejado, pois grande parte das pessoas somente utilizam as imediações da Antiga Rodoviária como rota de passagem³⁷ para o centro.

Já o comércio do prédio situado na rua Vasconcelos Fernandes, é marcado pela circulação e convivência de diferenças marcantes. Neste lugar, há três estabelecimentos abertos: uma loja de costura de sapatos e dois bares. Ao transitar rapidamente por ambos os bares para comprar um cigarro, foi possível observar a presença de mototaxistas, mulher negra trans, homem vestido com sutiã, um jovem negro gay, adultos de shorts e bonés etc. Logo abaixo desses estabelecimentos, na área ocupada pelos trailers à noite, ficam alguns homens velhos jogando cartas numa mesa, ocasionalmente hippies e pessoas em situação de rua.

Cabe ressaltar que esta área do prédio e que faz parte do Condomínio, se mostrou um dos lugares mais difíceis para se circular e estabelecer relações, por conta do estranhamento vindo de olhares de alguns homens que ficavam parado nos corredores,

^{2.5}

³⁵ Trajeto refere-se a caminhos escolhidos por indivíduos que os levam de um ponto ao outro, geralmente de um pedaço ao outro (Magnani, 2002).

³⁶ Observação direta de uma garota de programa na esquina chamando o motorista do carro que passava vagarosamente pela avenida, logo em seguida, a mesma foi até a janela do carro.

³⁷ A Antiga Rodoviária funcionaria como uma espécie de pórtico, pois trata-se de "espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens" (Magnani, 2002, p.23).

bem como a da própria polícia³⁸, que realizou frequentes batidas nos corredores dessa área comercial. Pode-se pensar que do ponto de vista dos potenciais interlocutores inseridos nesse contexto, o desconhecimento acerca das razões de um rapaz "de fora" transitar por essa espacialidade, também contribui para a desconfiança e estranhamento, pois o contato do etnógrafo com os "nativos", é constituído por diversas nuances, que podem variar de acordo com contextos e experiências sociais, onde o antropólogo busca ser aceito, através da criação de relações provocadas (Rocha e Eckert, 2003), que nem sempre é possível de se estabelecer.

Em suma, tanto o espaço comercial do Condomínio quanto a "Praça de Alimentação", revelam uma estrutura mínima de funcionamento para a realização de atividades comerciais, que envolvem a construção de fronteiras que separam grupos sociais e mobilizam diferentes agentes. A respeito das atividades comerciais no Condomínio, percebe-se que existem os espaços dos sujeitos ficar, transitar e consumir. Da mesma forma que não circulam sujeitos tidos como "normativos" pelos espaços de predomínio de sujeitos de rua, também não se vê comumente moradores de rua nem usuários de drogas fora de suas áreas de circulação.

Como aponta uma das gerentes do Condomínio, existe aquilo que ela denominou de "regras" que pode ser interpretado como uma espécie de "acordo" que impede a circulação de corpos tidos como abjetos no interior do Centro Comercial nem na "praça de alimentação. A abjeção atribuída para designar o "problema social" da "Rodô" manifesta-se principalmente através dos corpos de pessoas em situação de rua, pois o tipo social abjeto é identificado como tal, pelos tidos como "normativos", a partir da vestimenta, marcas corporais, falas e outros traços identitários tornados depreciativos que demarcam o lugar do outro.

Além de tidos como abjetos, os usuários de drogas, moradores de rua e em menor medida, as garotas de programa, podem ser classificados como grupos estigmatizados

⁻

³⁸ Numa das idas a campo no dia 30/05/2017 pela manhã, estava parado na calçada na esquina da avenida Vasconcelos Fernandes com a Dom Aquino, e uma viatura da polícia que fazia ronda na Vasconcelos parou na minha frente por um tempo maior que o comum e os quatro policiais olhavam fixamente para mim e um deles falava pelo rádio.

³⁹ Fala da gerente realizada no dia 02/08/2016.

⁴⁰ Taniele Rui, em *Nas tramas do crack*, a partir de Judith Butler (2003) e Julia Kristeva (1980), utiliza a noção de abjeção para referir-se àqueles sujeitos cuja vida não é legítima, em que se lançam percepções controversas do ponto de vista moral e simbólico.

da "Rodô", pois estes grupos, no contato com os "normais", são vistos a partir de uma série de atributos que remetem à noção de estigma (Goffman, 2004).

Portanto, "as regras" não se caracterizam como leis do ponto de vista jurídico, mas sim elementos implícitos e informais impostos de um grupo social a outro (Becker, 2008). Neste sentido, percebe-se que as fronteiras são físicas e simbólicas (Augé 2010), relacionadas à corporalidade, são guardadas pela atuação da segurança privada e da Guarda Municipal, que são mobilizados para que as "regras" não sejam descumpridas.

No primeiro capítulo do livro *Por uma antropologia da mobilidade*, chamado *A noção de fronteira*, do antropólogo francês Marc Augé (2010), apresenta as distintas dimensões de fronteiras, que podem ser culturais, políticas e físicas. Trazendo para a discussão proposta, mesmo que inexistam "barreiras" demarcatórias claras, os diferentes sujeitos têm ciência da existência de lugares (Leite, 2002), em que:

Determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente (Leite, 2002, p.123).

Por conseguinte, compõe a paisagem social da "Rodô" distintos lugares, que envolvem lógicas e usos específicos do espaço, que aglutinam determinados sujeitos em torno de práticas em comum, bem como em arranjos formais e informais (Telles e Hirata, 2007).

No entanto, cabe dizer que nem sempre as fronteiras são rigidamente mantidas, podendo haver inúmeros borramentos de indivíduos estigmatizados nos espaços de comércio formal. Por exemplo, foi possível presenciar no trabalho de campo, situações em que sujeitos em situação de rua adentravam e passavam pelos corredores no interior do prédio ou até mesmo entravam nos bares.

Outro exemplo é a "Praça de Alimentação", em que os sujeitos em situação de rua, inúmeras vezes, ficam próximos às calçadas onde os clientes estacionam e, não raro, tentam negociar para cuidar dos carros em troca de moeda, ou até mesmo se aproximar das mesas em que estão os clientes para conseguir dinheiro, fazendo com que os próprios trabalhadores dos trailers tenham que afastá-los.

Tal prática revela-se como uma das diversas estratégia de sobrevivência de pessoas em situação de rua (Tosta, 2000), mas que podem gerar reações negativas por

parte dos "lancheiros", que procuram reafirmar o lugar desses sujeitos, isto é, fora do perímetro de consumo de lanches, pois as fronteiras, mesmo que temporariamente borradas, nunca deixam de existir (Augé, 2010).

Há também na esquina da rua Vasconcelos Fernandes com a Barão do Rio Branco, assim como em outros locais do entorno, um ponto de prostituição, em que essas mulheres podem vir a lanchar no mesmo perímetro dos consumidores, ou até mesmo, passarem próximos às mesas, ressignificando o espaço como "pista", atraindo olhares dos consumidores de lanches, bem como de potenciais clientes.

Essas situações, faz com que os limites fronteiriços dos grupos sociais se tornem tênues, que atrelado à ausência de seguranças privados ou policiais efetivos no local, acaba fazendo com que, muitas vezes, tal função social de mantenedor dessas fronteiras seja feita pelos próprios trabalhadores dos trailers. Por outro lado, também há momentos de ações mais bruscas da força militar. Segundo Fulano X, houve ocasiões em que os usuários entraram no espaço dos consumidores e sentaram-se na mesa, e a polícia os retirou do lugar e os revistou na frente de todos os presentes.

Dentro do Condomínio também foi possível presenciar um pouco do borramento dessas fronteiras, não só utilizando o espaço para trânsito ou passagem, mas até mesmo para usufruir do comércio local. Numa tarde, ao conversar com um comerciante de um bar, adentrou ao estabelecimento um homem negro e alto, que não falava direito, mas que apresentava em sua mão um celular antigo, que me ofereceu em troca de algum dinheiro para "tomar pinga".

No corredor situado na avenida Joaquim Nabuco, passou também em frente às lanchonetes, um rapaz loiro com cobertor e um saco de latinhas, aparência de menos de 40 anos. Tais situações são relatadas pela lojista do salão de beleza como "desesperadora" e que trazem medo e insegurança quando essas fronteiras são rompidas mesmo que momentaneamente por sujeitos tidos como abjetos.

Ou seja, ao mesmo tempo que os espaços comerciais da "Rodô se constituem como locais abertos, também não deixam de perfazer fronteiras bem demarcadas, através de "muros invisíveis" (Villela, 2013), que são constantemente reforçados através da presença das forças policiais, da segurança privada do Condomínio, das câmeras de vigilância e até mesmo dos próprios trabalhadores do comércio.

Em síntese, os borramentos de fronteiras estabelecidos através de práticas de transgressão espacial tanto de população em situação de rua quanto de garotas de programas, ensejam lógicas de contra-uso (Leite, 2002) de ambos os territórios comerciais. Neste sentido, ambos os espaços comerciais da "Rodô", configuram-se como espaços em constante disputa, no qual os grupos procuram sobrepor o sentido do território (Haesbaert, 2007). Pois o território, além de espaço vivido:

tem a ver com dominação da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no "territorium" são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por outro lado, podemos dizer que, para aqueles que tem o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e efetiva "apropriação (Haesbaert, 2007, p.20).

Logo, o prédio e o entorno, são compostos por diferentes formas de apropriação de um mesmo espaço físico, ou seja, caracterizam-se como uma multiterritorialidade (Haesbaert, 2007) por conta da sua dimensão material concreta, através da ocupação e circulação cotidiana por parte de grupos específicos em lugares espacialmente demarcados, e também pelo aspecto imaterial-simbólico, "enquanto imagem ou símbolo" (Idem., p.25), atribuído por diferentes grupos sociais.

Há ainda, no contexto da "Rodô", outras lógicas entre grupos sociais ligados a equipamentos específicos, como em um bar no interior do Centro Comercial. Numa das andanças no perímetro do Condomínio, foi possível identificar algumas situações de contato entre garotas de programa, alguns clientes e dois comerciantes. Levando em consideração que a maior parte do comércio esvaziou-se após a desativação dos serviços rodoviários, as pessoas, em grande medida, se conhecem ou se reconhecem no comércio local, ou seja, são identificáveis em seus respectivos interesses.

Neste sentido, foi possível constatar a presença de garotas de programa no estabelecimento, inclusive tomando cerveja, conversando de forma descontraída com o comerciante e em situações de aparente agenciamento para com potenciais clientes. Como relata a cientista social Alexandra da Costa (2009), em seu artigo *Paradisíacos e venenos: o uso de drogas e o controle do corpo*, havia, ainda na época de funcionamento dos serviços rodoviários na "Rodô", relações complexas de negociações, sociabilidades e agenciamento em bares entre garotas de programa e potenciais clientes

que envolviam consumo de bebidas, cigarros e outras drogas como intermédio na concretização da realização do programa.

Alguns equipamentos do Centro Comercial, após a diminuição de clientes depois do ano de 2010, tornaram-se espaços marcados por menor possibilidade de relações pautadas no anonimato, pois os sujeitos facilmente conhecem ou reconhecem aqueles que frequentam o lugar. Pôde-se constatar essa visão, quando em uma das passagens por um "bar point" das garotas de programa, com o intuito de observar e desenvolver algum contato com os sujeitos, foi avistado o seguinte cenário: havia duas mulheres sentadas na mesa do bar e dois homens com aparência de ter mais de 50 anos (um homem branco e outro negro), tomando cervejas.

Ao adentrar esse bar, logo pedi um refrigerante e fui rapidamente notado por todos. Ao sair do estabelecimento, fui prontamente seguido por uma das mulheres, que me questionou sobre a possibilidade de fazer um programa com ela. Outra experiência de contato estabelecido com uma garota de programa, foi nas proximidades desse bar. Dinda, com mais de 50 anos, contou que faz programa no complexo rodoviário desde o início, ou seja, desde a inauguração do prédio, e que nunca teve problemas com comerciantes e nem com a polícia. Ela disse ter uma relação muito profissional com os clientes, que não se envolve com drogas nem sexo sem camisinha, pois ela faz o programa num hotel do entorno, recebe o pagamento e "tchau e benção". Portanto, diferentemente das garotas de programa que utilizavam substâncias variadas no processo complexo de agenciamento de clientes (Costa, 2009), há garotas de programas que estabelecem uma relação de cunho mais formal e direto, na atividade de prostituição, em que segundo Freitas (1985), se dá no processo de encontrar, agenciar e acordar os termos do programa (Costa, 2009).

Além disso, foi possível, em outro momento, ver Dinda rindo descontraída junto a outra garota de programa e o comerciante do bar em que ficam algumas garotas de programa, mostrando um determinado nível de relação menos distanciada. Tal situação observada, atrelada à fala de Dinda de que somente alguns clientes que vem de fora e que o público do centro comercial se conhece, traz à tona novas possibilidades de compreensão dessa complexa trama de relações que envolvem distintos sujeitos, que liga consumo de mercado formal, bem como atividades ilícitas e ilegais (Telles e Hirata, 2007).

Em síntese, é possível aferir que a "Rodô" ainda se caracteriza pela multiplicidade de sujeitos possíveis de serem apreendidos a partir de um aprofundamento da pesquisa etnográfica. Em seus espaços comerciais circundam diversas lógicas que relacionam setores comerciais, equipamentos específicos, tipos sociais, fronteiras e sociabilidades. Pode-se fazer algumas inferências sobre os itens desenvolvidos no capítulo. Ao mesmo tempo que existem demarcações claras de lugares de sociabilidade, consumo e circulação de grupos, também estas fronteiras podem se tornar tênues em determinados momentos ou mesmo ignoradas momentaneamente, gerando tensões e, às vezes, ações mais incisivas da polícia, guarda municipal ou dos seguranças privados.

Também é possível perceber na "Rodô" a presença de relações menos distanciadas e de maior proximidade em espaços e contextos específicos. Tal fato, pode ser apreendido mais claramente, a partir do momento em que o complexo rodoviário teve seus serviços rodoviários desativados, em que se percebe a presença maior de relações de caráter mais interpessoal entre os sujeitos: risadas descontraídas, e demarcações identitárias mais contundentes de equipamentos. Logo, as relações que seriam mais difíceis de serem percebidas, quando funcionava os serviços rodoviários, e havia um fluxo grande de clientes no comércio, tornava a paisagem social da "Rodô" mais parecida com um não-lugar (Agier, 2011).

Atualmente, com a diminuição significativa do fluxo de pessoas, o sujeito de "fora" e "estranho", por exemplo, ao adentrar e sentar no bar em que algumas garotas de programa ficam, pode ser confundido como um potencial cliente em busca de serviços relacionadas à prostituição. Ou, caso fique perambulando pela área de maior presença de grupos estigmatizados e marginalidades, a polícia pode associar a um potencial transgressor, já que não haveria razões para alguém estar transitando num lugar que é visto como uma região (i)moral da cidade (Park, 1988).

No entanto, os diferentes contextos ligados a equipamentos específicos, como os bares citados é que poderiam ser pensados como uma espécie de zona moral, pela presença marcante de garotas de programa, homens e mulheres trans. No entanto, sujeitos como: velhos jogando cartas, *hippies*, mendigos e moto-taxistas, revelam uma diversidade de indivíduos que de alguma forma, se arranjam em torno do bar, constituindo assim o que Perlongher (2008) observa como zona de contiguidade, que permite o contato de diferentes tipos sociais, considerados marginais e/ou "normativos".

Se para um conjunto de comerciantes e principalmente de mídias, os discursos dominantes sobre "o problema" da "Rodô", identificado na corporalidade do usuário de drogas e do sujeito de rua, classificados como um grupo homogêneo que carrega em si o perigo e a sujeira (Douglas, 1991), e que torna a "Rodô" um lugar inseguro e carregado de estigmas. Porém, para parte dos comerciantes contatados, a presença daqueles vistos como "problema social" não acarretaria perigo para a população campo-grandense, pois as situações de violência que envolvem usuários de drogas, não envolvem os clientes e transeuntes tidos como "normativos", pois eles só "brigam entre si".

Há muitas disputas na Rodô. Elas se manifestam, algumas vezes, como conflitos de interesse entre indivíduos oriundos do próprio comércio, que podem ser classificados, por um lado, como aqueles que desejam a ascensão, crescimento e revitalização do prédio e, por outro lado, como aqueles que querem desvalorizar e acabar com o comércio local em vários aspectos. Os últimos poderiam fazer isso desmotivando os comerciantes, boicotando pequenas reformas e até negociar de forma ilegal seus imóveis⁴¹.

A seguir, um ponto a ser perseguido é o aprofundamento das dinâmicas relacionais entre os diferentes grupos sociais que se situam fisicamente próximos uns aos outros, como por exemplo, os passageiros das vãs, que formam a clientela formal diária do prédio e ficam próximos à Guarda Municipal e também das garotas de programa. Há ainda, o caso de usuários de drogas e moradores de rua que, quase sempre, são vistos como um grupo homogêneo. Eles podem, ocasionalmente, encontrar com trabalhadores do entorno em zonas mistas (Leite, 2002), tanto no âmbito da rua ou em algum estabelecimento comercial.

⁴¹ Informações relatadas por uma das gerentes do Centro Comercial, em entrevista realizada no dia 02/08/2016 às 9h02 no Condomínio Terminal do Oeste.

CAPÍTULO III SOCIABILIDADE E ALTERIDADE NA "RODÔ"

No presente capítulo, destaco duas experiências que se constituíram como campo privilegiado na observação participante. Os dados obtidos remetem a análises de relações numa ação caritativa realizada nas imediações do antigo terminal rodoviário por integrantes de uma igreja evangélica e em uma lanchonete/bar situado na parte externa do Condomínio

Posteriormente, a partir da análise oriunda da etnografia realizada em ambos os espaços, somando com as entrevistas e conversas feitas com outros sujeitos em contextos diferentes, se desenvolverá uma reflexão crítica sobre a noção de alteridade no universo da "Rodô", bem como análises a partir da emergência de histórias de vida de alguns sujeitos de rua.

3.1 A ação caritativa evangélica

As constantes visitas no comércio de lanches no período noturno, especialmente na madrugada de sábado para domingo, despertaram uma espécie de curiosidade, quando pude observar na avenida Barão do Rio Branco, um intenso movimento de sujeitos de rua que iam de encontro a um ônibus parado e desciam com marmitas de comida nas mãos.

Numa das oportunidades, passei de carro com outro amigo, pela madrugada na avenida Barão do Rio Branco. Vimos mesas, cadeiras e pessoas comendo. Na parede do ônibus continha o seguinte versículo bíblico: "Matheus 25:35". Segundo um dos integrantes do projeto da Igreja Z, essa passagem bíblica é que orienta o trabalho social desenvolvido pela Igreja.

De maneira geral, esta ação caritativa inicia às 23h00 da noite de sábado e costuma ir até 01h00 ou no máximo 2h00 da madrugada de domingo. Toda a estrutura necessária para a realização da ação, como mesas, cadeiras, roupas, chuveiros, marmita

⁴² Segundo a transcrição bíblica: "Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;". Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/25/35-40

e sucos, fica dentro de um ônibus completamente equipado. Dentro do ônibus, há duas cabines para as pessoas tomarem banho, inclusive com chuveiros térmicos, já que no ônibus há uma máquina motorizada que libera energia para o chuveiro, além de um reservatório com capacidade de armazenamento de 500 litros de água.

Segundo um integrante da ação caritativa, o projeto conta com uma equipe de 50 pessoas. A preparação do alimento começa no período vespertino, em uma cozinha industrial que produz em torno de 150 marmitas para serem distribuídas. As idas na madrugada de sábado para domingo contam com, mais ou menos, 15 integrantes da Igreja, destaca-se a presença de jovens.

A ação caritativa, apresenta-se de forma recorrente e ritualizada. Existe todo um processo de chegar ao espaço, relacionar-se com os usuários dos serviços e sair do lugar. Nas observações in loco, o cenário configurava-se da seguinte maneira: havia o ônibus estacionado; nas calçadas ficavam dispostas em torno de quinze mesas, com mais ou menos quatro cadeiras por mesa; além disso ficavam alguns integrantes do projeto em frente à porta do ônibus esperando as pessoas chegarem para pegar a marmita. Havia também uma mesa com copos de suco.

Há distintos tipos sociais que utilizam dos serviços oferecidos pelo projeto, principalmente em relação às marmitas, como: moto taxistas, trabalhadores da coleta de lixo, artistas de rua, garotas de programa, usuários de drogas, moradores de rua, vendedores ambulantes, trabalhadores dos trailers de lanche, moradores do entorno etc. Neste sentido, como relata um voluntário do projeto, qualquer sujeito pode pegar marmitas, tomar banho e/ou levar roupas, ou seja, inexistem critérios que venham a definir quem pode ou não pode usufruir dos serviços oferecidos pela Igreja.

No entanto, foi possível observar alguns procedimentos aplicados à todos os usuários, principalmente no ato do indivíduo requerer a marmita, que é ritualmente acompanhado por orações de uma pessoa do projeto. Tal ação, nunca oferece uma reação negativa, já que o usuário da marmita, pode vir a aceitar a oração afim de não gerar problema, independentemente de sua crença religiosa ou até mesmo da condição de descrente. Por conseguinte, o ato de oferecer a marmita seguido da oração, configura-se uma prática ritual institucionalizada pelo projeto, pois segundo Passamani:

^[...] os rituais se configuram como conjunto de ações formalizadas, expressivas e compostas por um destacável elemento simbólico.

Trata-se de uma construção espaço-temporal específica, isto é, com suas próprias linguagens, bem como comportamentos próprios. [...] Além disso, os processos rituais teriam como função capacitar os atores sociais a dominar o mal, o tempo, as relações sociais e, por que não, os seus pares (Passamani, 2011, p.99).

Logo em seguida, o usuário tem a escolha de sentar-se à mesa ou levar a marmita com o suco embora. Observa-se que uma parcela significativa das pessoas que pega a marmita após a oração, costuma ir embora. Há aqueles que se dirigem a partes específicas da calçada, no caso de um morador de rua, ou para o trailer, no caso do trabalhador do comércio de lanches. Além disso, não é incomum várias pessoas pedirem para levar mais de uma marmita, seja para um parente, filho, amigo ou companheiro.

O ato de propiciar uma refeição com mesas e cadeiras para os consumidores, é no intuito de "dar dignidade", nas palavras de um dos integrantes do projeto, pois além de oferecer um conforto, cria um ambiente favorável à interação dos consumidores entre si e também com os evangélicos. Ressalta-se que toda essa estrutura é criada para atender principalmente aos sujeitos em situação de rua, que são "personagens que narram suas trajetórias de múltiplas, constantes e cumulativas desvinculações (Escorel, 2000, p.139)". Logo, do ponto de vista do integrante, a Igreja oferecer uma estrutura com mesas, cadeiras, alimento e interação, assume um sentido de resgate da dimensão da vida doméstica, ou seja, da casa (DaMatta, 2003), perdida pela condição de estar na rua (Silva, 2010).

Além disso, ao estarem sentados próximos um dos outros numa mesa, permitia em determinados momentos, que se desenrolassem conversas de vários tipos entre as pessoas. Havia momentos que ficavam em torno de quatro pessoas sentadas numa mesa, conversando coletivamente de forma descontraída. Ainda numa outra mesa eram desenvolvidas conversas mais individualizadas entre um evangélico e um outro sujeito. Outrossim formavam grupos de trabalhadores da coleta de lixo num canto e claro, alguns sujeitos ficavam comendo de forma solitária, como o caso, de um artista de rua.

Se por um lado, havia pessoas que, após a retirada da marmita interagiam de forma mais densa, bem como os que quase não dialogavam, por outro, havia situações de relações que destoavam do convencional. Um caso marcante foi a de um homem negro, com trajes sujos e que carregava um saco de materiais em suas costas, que estava passando pela mesma calçada onde estava ocorrendo a ação caritativa. No entanto, o mesmo recusou a marmita oferecida prontamente por uma das integrantes do projeto, e

parou para escutar os cânticos e interagir com alguns integrantes da Igreja e outros sujeitos que tocavam instrumentos musicais e entoavam louvores⁴³.

Sua corporalidade destacava-se em meio a todos os presentes, pois "nas ruas a sujeira é o atributo corporal mais destacável, mais até que a cor da pele (Rui, 2014, p.299)", que, ao mesmo tempo, também pode gerar a introjeção de preconceitos sobre o sujeito. Concomitantemente, há outros indivíduos que costumam aparecer com maior frequência no lugar, e que desenvolvem com integrantes específicos da Igreja interações pautadas pelo ânimo e sentimento (Simmel, 2005), aonde contam seus problemas pessoais, diversas dificuldades enfrentadas cotidianamente e questões relacionadas à vida religiosa. Pois como conta um pastor do projeto, "antes o pessoal vinha, pegava a marmita, não queria conversar e já ia embora. Hoje tem os que chegam, já pedem oração antes e conversam dos problemas". Ambas as situações apresentadas, demonstram que, para além do consumo dos próprios serviços oferecidos pelo projeto, há sujeitos que aparecem no lugar com o intuito maior de desfrutar sociabilidades, seja interagindo numa cantoria ou conversando com pessoas específicas.

Em contrapartida, as relações podem às vezes fugir das expectativas, seja através de comportamentos destoantes, como numa situação em que um homem negro com aparência próxima aos 40 anos, surgiu com um copo de pinga na mão e ficou falando com alguns integrantes de assuntos relacionados às drogas, crimes, entre outras relações ilícitas e informais. No entanto, o mesmo falava de forma quase que ininteligível e de maneira dispersa, que mais parecia um monólogo do que um diálogo. Tal situação, gerou estranhamento por parte dos integrantes e consequentemente um certo afastamento na interação, mediante tamanha distância sociocultural, evidenciada na condição de abjeção e marginalidade do sujeito. Pois, como revela Thiago Santos (2015), há diferentes formas de ser visto como abjeto, o que implica em relações com instituições, abordagens e classificações distintas.

Segundo relato de dois integrantes do projeto, já houve casos de pessoas aparecerem com facas, além de aparentarem estar sob o efeito de drogas, que segundo eles, é o principal responsável pelos desentendimentos entre os próprios usuários e dos usuários com os integrantes do projeto. Acrescenta-se, casos de agenciamento por parte de usuários de drogas, em torno do uso feito pelas roupas e marmitas disponibilizadas,

_

⁴³ Música evangélico-cristã

pois segundo um dos integrantes, tem sujeitos que são "oportunistas", que pegam a marmita ou a roupa e trocam por droga, ou até mesmo garotas de programa que tomam banho no box do ônibus da igreja antes de ir se prostituir. Ou seja, o contra-uso (Leite, 2002) feito dos serviços oferecidos coloca os usuários de drogas e as garotas de programa na condição de *outsiders* (Becker, 2008), pois desviam da regra informal ou da norma, que "opera no âmbito de práticas sociais sob o padrão comum implícito da normalização (Butler, 2014, p.252)".

A Igreja Z constitui como um grupo a desenvolver ações de assistência na "Rodô". Há outras instituições religiosas que vem distribuem roupas e comidas: um c entro espírita que oferece sopão, além de ações individuais de pessoas que levam roupas e comidas para as pessoas em situação de rua. Neste sentido, há dias em que outra pessoa ou instituição já tenha passado mais cedo e distribuído roupas, cobertores e alimentos para os sujeitos que estavam na "Rodô", pois houve casos em que havia cerca de trinta pessoas sentadas e deitadas na calçada, porém, somente algumas vieram até o ônibus pedir alguma roupa ou mesmo a marmita.

No caso da Igreja Z, mobiliza-se uma rede de agentes para a realização dessa ação caritativa. Além dos colaboradores, os próprios membros da Igreja, segundo um dos pastores, estão envolvidos diretamente com o projeto, suprindo-o financeiramente, ajudando a comprar o ônibus e um trailer que irá rodar por vários pontos da cidade oferecendo banho e comida⁴⁴. Outra instituição colaborativa, segundo esse mesmo pastor, é um mercado local, que auxilia com os produtos alimentícios utilizados para fazer a marmita. Além disso, a marmita apresenta sempre um cardápio variável, contendo: arroz, feijão, mistura e um outro incremento, acompanhado pelo suco.

São outros objetivos do grupo, que visam atingir usuários de drogas e moradores de rua: a reintegração desses sujeitos à sociedade. Para tanto, a Igreja desenvolve uma parceria com uma clínica particular de recuperação de usuários de drogas. A Igreja custeia integralmente o tratamento do usuário. Segundo um dos integrantes, desde o início do projeto, quatro pessoas já se reabilitaram através do tratamento clínico. Outro aspecto levantado numa das conversas informais, é a de incorporação do sujeito de rua no mercado de trabalho, que, além de inseri-lo na sociedade formal, também o colocaria em estado de graça, pois o trabalho vocacional revaloriza o indivíduo perante Deus

_

⁴⁴ Informações retidas em conversa informal com um dos pastores do projeto.

(Weber, 2006), que propiciaria uma espécie de "dignidade definitiva", pois o fato de estar na rua, carrega em si o rompimento e ausência de praticamente tudo aquilo que é tido como "digno".

A observação realizada junto aos integrantes do projeto da Igreja Z, mostrou-se efetivamente rico em termos de possibilidades de análise, tanto no âmbito das relações locais desenvolvidas, quanto para se pensar a configuração de redes de relações estabelecidas em torno da "Rodô", que envolvem supermercados, clínicas de recuperação e fiéis que financiam o projeto. Relacionando com os estudos desenvolvidos no bairro da Luz, em São Paulo, na chamada "cracolândia paulistana", Frúgoli Jr (2010, 2012, 2016), Adorno e Raupp (2011) e Rui (2014), guardada as devidas proporções, percebe-se que incidem distintas gestões, o que pode revelar relações da sociedade mais ampla com os usuários de drogas e os moradores de rua.

Segundo Barnes, a rede é "um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos (Barnes, 1987, p.167)", na qual os grupos se ligam uns aos outros, mesmo que não interajam entre si, a exemplo do supermercado e os fiéis da Igreja Z, que, ao passo que colaboram para a subsistência do projeto caritativo, também podem não conhecer pessoalmente os usuários dos serviços oferecidos, porém constituem-se como uma parte importante dessa rede social.

Logo, apesar da conformação de relações segregação espacial e distanciamento social para com os sujeitos estigmatizados, paralelamente coexistem relações asseguradas em "vínculos de ajuda e aliança, que apontam para outras formas de compreender a dinâmica que instaura na vivência heterogênea situação de rua" (Silva, 2010, p.137).

Neste sentido, apesar dos limites do trabalho etnográfico, principalmente na apreensão de histórias de vida e longas narrativas dos usuários dos serviços, destaca-se que essa ação caritativa é composta por multiplicidade de formas de relações estabelecidas, heterogeneidade de sujeitos e distintas densidades de interações. Pois, compartilham do mesmo serviço oferecido, usuários de drogas, moradores de rua, artistas de rua, trabalhadores da limpeza, moradores do entorno, que abre margens para inúmeras possibilidades de investigação acerca da relação da Rodô com a sociedade, usos e contra-usos que se faz do espaço, condições sociais de trabalhadores e moradores do entorno etc.

3.2 A "Rodô" a partir da lanchonete/bar

Com as constantes idas no Centro Comercial e às ruas do entorno, no período da manhã durante os dias de semana, possibilitou gradativamente um conhecimento maior das movimentações de sujeitos específicos em equipamentos. Neste sentido, a lanchonete/bar do Comerciante Y mostrou-se como um lugar privilegiado de análise etnográfica. Situado em uma esquina, o lugar apresenta-se como ponto de convergência de vários tipos sociais consumidores.

O comerciante Y chegou para trabalhar no Centro Comercial no início dos anos 1980, tempo de auge e boom comercial, em que, segundo ele, passavam cerca de 7.000 clientes diários pelo terminal rodoviário. Em frente ao seu estabelecimento, funcionava o terminal rodoviário urbano, no qual chegavam e partiam inúmeros passageiros dos transbordos municipais. Sua clientela diminuiu em torno de 80%, com o processo de construção de novos terminais de coletivos municipais, e a desativação dos serviços do Terminal Rodoviário Urbano e da Estação Rodoviária.

Diante desse contexto, sua situação socioeconômica sofreu um grande abalo, reduzindo drasticamente seus rendimentos como comerciante. Agrega a isso, o fato dele não ser proprietário e pagar aluguéis mensais, IPTU e taxa de Condomínio. No total, o interlocutor disse que suas contas giram em torno de 1.100 reais mensais, na qual ele consegue pagar com as vendas realizadas em seu estabelecimento, mas que não consegue mais juntar dinheiro como nas décadas anteriores. No entanto, o preço baixo do aluguel, comparado ao centro, em que segundo o mesmo, "qualquer porta tá R\$ 3.000,00", o mantém ainda na "Rodô", pois mesmo que suas vendas sejam escassas, permite-o pagar todas as contas.

Como já exposto no primeiro capítulo, o Comerciante Y foi o principal interlocutor do trabalho de campo. Acostumado com a presença de jornalistas⁴⁵, o mesmo sempre se mostrou disposto a colaborar com a pesquisa que estava sendo desenvolvida, respondendo às diversas questões relacionadas ao antigo terminal rodoviário. Inicialmente era comum que o mesmo falasse de forma mais discreta acerca de assuntos relacionados aos grupos estigmatizados, especialmente dos usuários de

⁴⁵ Há inúmeras matérias veiculadas em jornais eletrônicos que versam sobre o "problema social" e o abandono da Antiga Rodoviária. Nelas, aparecem falas do Comerciante Y.

drogas e moradores de rua, onde tais questões eram tratadas de forma mais formal e ligeira.

No entanto, através da ritualização quotidiana (Eckert, 2003), através de frequentes aparições em sua lanchonete, na qual fazia questão de sempre tomar um café e comer um salgado, fui tornando-me aos poucos um sujeito habitual para ele, logo as conversas tomaram um rumo mais "natural" e informal. Pois, segundo Foote Whyte (2005), a partir do momento em que há uma aceitação do interlocutor, com a convivência a longo prazo, os questionamentos vão sendo elucidados naturalmente.

Um dos temas recorrentes corriqueiramente entre o Comerciante Y e eu era a política, que rendia longos momentos de interação e que não raro agregavam outros sujeitos nas conversas. A política, objeto socialmente comum, foi a chave para a construção de empatia com o interlocutor, possibilitando a minha permanência por até mais de horas no espaço, e, consequentemente, possibilitou captar um pouco dos acontecimentos cotidianos na lanchonete.

Em relação a este estabelecimento, ele é um lugar pequeno. Há em torno de dez banquetas que ficam de frente para uma mesma mesa, compartilhada pelos clientes que se sentam para consumir. Lá, vende-se principalmente salgados, como: pastéis, cafés, sucos, refrigerantes, cervejas, cachaças e cigarros. Não raro, aparecem distintos sujeitos na lanchonete/bar no período matutino: taxistas, trabalhadores do entorno, vendedores ambulante, comerciantes do Condomínio e pessoas em situação de rua. De maneira analítica, os sujeitos podem ser classificados de forma distinta, entre frequentadores e consumidores.

O primeiro tipo de sujeitos, os frequentadores, costumam aparecer com maior assiduidade na lanchonete, e utilizam-se do espaço não só para consumir seus habituais cafés da manhã, mas para compartilharem gostos, visões de mundo, hábitos de consumo (Magnani, 2002). As interações ganham inúmeros sentidos, em que os sujeitos majoritariamente homens, podem vir a conversar de distintos assuntos, de acordo com o grau de intimidade das relações sociais, como: política, brincadeiras quanto à sua masculinidade e identidades regionais, assuntos relacionados a vida social local etc. Portanto, pode-se dizer que este equipamento urbano remete a lógica de um pedaço⁴⁶,

-

⁴⁶ Espaço de sociabilidade entre aqueles que não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem e relacionam-se através de seus códigos particulares (Magnani, 1996)

para aqueles que compartilham códigos em comum nessa espacialidade e não são considerados abjetos.

Também há os sujeitos que aparecem na lanchonete e consomem rapidamente as mercadorias, relacionando-se de maneira reservada (Simmel, 2005) e formalizada. Além disso, há indivíduos que negociam a compra e o pagamento de mercadorias com o Comerciante Y, que mesmo que procure reiterar a não realização de fiado através de cartazes colados no estabelecimento, constantemente aceita negociar os débitos com os clientes, que ora "penduram" dívidas ora as pagam.

Outro ponto importante que se destaca, é a frequente circulação de sujeitos de rua, que são identificados a partir dos seus corpos tidos como abjetos, e que consomem algumas mercadorias da lanchonete/bar. Foi possível observar sujeitos comprando cigarros, doses de cachaça, lanches e refrigerantes. Numa das diversas situações observadas, adentrou no recinto, num momento que estava somente o Comerciante Y e eu, um homem negro que aparentava ter em torno de 30 a 40 anos de idade, cabisbaixo, com calça apresentando vários rasgos, com roupas sujas e cambaleando; logo em seguida, tirou algumas moedas do bolso e pediu um cigarro avulso e uma dose de cachaça, que segundo o próprio rapaz, seria "para trabalhar". Ao tomar rapidamente a dose, logo saiu da lanchonete, o que suscitou um comentário do Comerciante Y para mim, apontando-me para um imóvel abandonado e aberto na esquina: "ele mesmo mora ali", "vai ali na esquina, tá um fedor". Neste sentido, segundo Frangella (2004):

A manutenção relativa dos corpos e espaços de moradia, procurando afastar os fortes odores que envolvem a rua, pode ser traduzida em uma busca de distanciamento dos cheiros que carimbam, em primeira instância, o estigma que portam e as reações negativas das pessoas, reforçando o isolamento social dos moradores e provocando as cenas de desprezo e humilhação vividas e narradas por muitos de meus informantes. Os costumes e o padrão de higiene de um código convencional internalizado, incorporados em sua trajetória e mantidos como idealização de limpeza, fazem-se presentes, ainda que praticados de forma parcial ou longe de responder às demandas de higiene disseminadas em senso comum (Frangella, 2004, p.179).

Tomando esse exemplo etnográfico, se num primeiro momento, o sujeito estigmatizado, reconhecido pelos outros como tal, necessita justificar sua ação de tomar uma dose de bebida alcóolica perante os tidos como "normativos", dizendo que é para trabalhar, revela-se a existência de relações de poder, que perpassa diretamente pela

questão moral, pois o sujeito construído como abjeto precisa mostrar um valor perante à sociedade, provando que não está na condição de "vagabundo", "drogado" ou até mesmo de "ladrão". Já que, "o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão" (Goffman, 2004, p.15).

Levando em consideração que o estigma é uma série de identificações depreciativas dirigidas ao outro através de uma linguagem de relações, que se estabelece nos contatos mistos, ou seja, entre "normais" e estigmatizados (Goffman, 2004), também pode se evidenciar mais atributos observados em situações sociais de contatos nessa mesma lanchonete/bar, quando o Comerciante Y conta histórias de que havia um homem de rua que "andava de ré" e "tomava as coisas da mão dos outros", ou quando ele aponta de forma irônica, para uma situação de conflito entre os sujeitos estigmatizados, ou quando chamou uma mulher de "doidinha", numa situação de contato, em que essa mulher chegou falando alto de forma descontraída, bateu a mão na mesa com força, dizendo que ia "mandar pintar e reformar tudo". Tais percepções sobre esses sujeitos, revelam princípios classificatórios sobre aqueles que estão nas ruas (Frúgoli Jr, 2016) e/ou que não compartilham de um mesmo lugar social construído como "normativo".

Além das relações de distanciamento, evitação e formalidade para com sujeitos estigmatizados no ambiente da lanchonete/bar do Comerciante Y, emergem também alguns contatos de maior proximidade, mesmo que ainda distanciado, para com sujeitos em situação de rua. Quiçá, a própria dimensão do urbano que envolve a cidade de Campo Grande e/ou territorial do entorno da Antiga Rodoviária, favorece um contato e conhecimento maior entre sujeitos de rua, que habitam no lugar por longos períodos, e comerciantes específicos. Neste sentido. impessoalidade, anonimato desconhecimento de individualidades que a vida citadina propiciaria (Simmel, 2005), acaba dando lugar a contatos cotidianos, bem como emergências de histórias de vida de personagens como Zezinho - sujeito de rua da "Rodô" - que tem esse nome reconhecido tanto por outros sujeitos de rua, quanto pelo Comerciante Y e também pela ativista Fabrícia.

Em alguns momentos, foi possível ver a presença de Zezinho na lanchonete, comprando cigarros e doses de sal. Algumas vezes, o mesmo apareceu acompanhado

por outros sujeitos tidos como abjetos, que preferencialmente utilizam esse bar para consumo. Uma das situações mais interessantes, foi quando Zezinho apareceu eufórico na lanchonete com duas garrafas vazias, para que o Comerciante Y a enchesse de água. Nesta ocasião, Zezinho contou que vendeu dois filhotes de cachorros por R\$ 50,00 cada um, pois a cadela que morava com ele e sua outra companheira, havia engravidado e dado cria.

Passando próximo às calçadas na rua próximo à lanchonete, havia uma casinha de cachorro, bem como um colchão ao lado. Também foi possível ver Zezinho fritando carne vermelha numa espécie de frigideira e dando pedaço de carne para a cachorra. Por conseguinte, a dimensão antagônica, da casa e da rua, que estruturaria a sociedade brasileira (DaMatta, 2003) não se sustenta para todos os grupos sociais. No caso de Zezinho, morador de rua, o espaço público da rua, pode vir a ser um espaço carregado de elementos relacionadas à dimensão da casa, desde a constituição de um lugar para dormir, presença de uma companheira de rua e de um cachorro com uma casa própria.

No entanto, as habitações informais dos moradores de rua "são efêmeras e transitórias, dotadas de uma diversidade estonteante de elementos que podem ser deslocados, desapropriados e dissolvidos a qualquer momento (Frangella, 2004, p.155)", o que torna o espaço privado da casa, visto como um lugar de segurança, repouso e hospitalidade (DaMatta, 2003), em um lugar de passagem e incertezas, característicos da rua.

No que diz respeito às populações de rua e usuários de drogas da região, o Comerciante Y revela que há vários sujeitos que desenvolvem trabalho junto a esses grupos, como igrejas, instituições privadas, o Consultório de Rua, aposentados e centros espíritas. Os tipos de agenciamento sobre esses grupos variam, indo desde a atendimentos de caráter religioso, distribuições de roupas e alimentos, até encaminhamentos clínicos. Não obstante, até ele mesmo, já relatou que em inúmeras ocasiões serviu as sobras de salgados do dia anterior a essas pessoas. Mesmo praticando tais ações, ele não deixa de considerar que a "Rodô" tem sido muito frequentado por "desocupados" e que por ter tido seu estabelecimento arrombado por sete vezes, tende implicitamente a associar os sujeitos de rua com os delitos cometidos, pois segundo ele: "o ladrão dorme na porta".

A etnografia realizada nesse⁴⁷ e desse⁴⁸ bar especifico, serve para evidenciar a proeminência de complexas relações entre comércio e grupos estigmatizados, revelando a existência de diversos arranjos informais entre os sujeitos, que vão muito além da visão dicotômica e antagônica que envolveria o comércio e grupos estigmatizados (Frúgoli Jr, 2016). Ou seja, ao mesmo tempo que há certos setores e equipamentos urbanos que venham a dialogar com pessoas ligadas à abjeção, isto não implica em necessariamente em relações plenamente coesas entre os sujeitos, pois as diferenças são constantemente explicitadas e reiteradas nas situações de contato, bem como nos discursos apreendidos, que indica os distintos lugares sociais de cada um.

3.3 Os "outros"

No campo das Ciências Sociais, e especialmente da Antropologia, o estudo da alteridade tem sido alvo de muitas pesquisas e discussões, pois é um tema que trata de diversidade cultural, étnica, corporalidade, raça, classe, gênero etc, ou seja, pensar a relação entre o eu e o outro (Urquiza, 2016) passa por várias intersecções, teorias e métodos.

Ao pensar a "Rodô" como um laboratório de investigação social (Park, 1973), emergem uma gama de possibilidades de análise de grupos sociais, constituição do espaço, política etc. No entanto, aquilo que impulsionou inicialmente a pesquisa social, foi a presença marcante de populações em situação de rua e usuários de drogas, ou seja, os sujeitos representados no imaginário social local como a alteridade radical do lugar, que é um fenômeno social manifestado não só em Campo Grande, mas também nas metrópoles, pequenas e médias cidades.

Comumente marginalizados e associados a uma série de estigmas, os usuários e moradores de rua, não raramente são alvos de representações e ações negativas, explícitas e implícitas, de vários sujeitos, pois:

⁴⁷ Implica no estudo antropológico a partir da prática dos sujeitos no contexto, ou seja, enquadra-se na "perspectiva de *perto* e de *dentro*" (Magnani, 2016, p.185), onde visa-se apreender padrões de comportamento criados pelos sujeitos nos seus arranjos (Magnani, 2016).

Olhar voltado a examinar questões mais amplas a partir do contexto etnográfico, por exemplo, redes de relações locais (Frúgoli Jr, 2016), bem como "identificações de permanências mais abrangentes e duradouras que transcendem as escolhas, táticas e arranjos individuais (Magnani, 2016, p.195)".

a relação de confronto que a diferença estabelece é uma relação de alteridade, ou seja, leva ao confronto com o "outro". Relação de alteridade é, portanto, a relação entre Ego (eu) e alter (outro). Essa relação tem se mostrado amplamente problemática, uma vez que é fonte de julgamento, de decisões sobre o outro. O diferente existe, mesmo sem a autorização, permissão ou tolerância. O diferente é zona de tensão, campo político repleto de contradições e conflitos. Dessa forma, podemos inferir que o outro, o externo a mim, ao ser diferente, torna-se um problema, pois leva a confrontar a própria identidade do eu (Urquiza, 2016, p.13).

A partir da análise dos diversos discursos apreendidos na pesquisa social, percebese uma multiplicidade de alteridades, aonde o ponto de distinção entre o "outro" e o "eu", passa por interfaces morais, políticas, econômicas e sociais.

Pensando numa espécie de escala social de alteridade do universo pesquisado, infere-se que usuários de drogas e moradores de rua situam-se na base, pois são os sujeitos em que mais se lançam estigmas, representações negativas de diversas ordens e associações com noções de perigo e criminalidade. Não obstante, como já dito anteriormente, eles são vistos muitas vezes como um grupo homogêneo, pois o que define essa percepção é justamente a abjeção inscrita em suas corporalidades.

Segundo Tiago Lemões Da Silva (2010), em seu artigo intitulado *A rua como* espaço de interação social: um estudo antropológico das relações entre população em situação de rua e grupos caritativos, existem diferentes conceituações para a chamada população em situação de rua. Uma delas é a definição de Ana Paula Costa (2005), em que:

[..] a população em situação de rua é constituída por segmentos heterogêneos, com diferentes realidades, mas que comungam a condição de pobreza absoluta, e o não pertencimento à sociedade formal. Indivíduos aí colocados trazem a marca de sucessivas rupturas (frequentemente associadas ao uso de drogas), tanto por parte da família como do sujeito que está na rua (Silva, 2010, p.132).

Em entrevista realizada com um dos ativistas de Direitos Humanos, que desenvolveu trabalhos de redução de danos com usuários de drogas e garotas de programa na "Rodô", há em média 80 usuários de drogas que circulam pelas imediações da Antiga Rodoviária, onde há tanto aqueles que utilizam droga nos arredores, quanto aqueles que buscam usá-la em outros espaços. No entanto, segundo o ativista, esse

quantitativo de sujeitos sofre variações por diversas razões, tanto pelo caráter fluído desse grupo social, quanto pelo fato da "Rodô" ser um lugar de trânsito e anonimato⁴⁹.

Ambos grupos, tanto usuários de drogas quanto sujeitos em situação de rua, são figuras que geram "medo" em certos comerciantes, que, em contrapartida, podem ver nas garotas de programa, um "problema menor", pois como discutido no capítulo anterior, estas podem se tornar consumidoras assíduas. Neste sentido, segundo o relato de uma comerciante:

[...] as garotas de programa são de boa, eu não tenho nada a reclamar delas, elas respeitam a gente e nós respeitamos elas também [...] quanto aos usuários de droga e o pessoal ali de rua, que vivem no entorno, é uma tormenta. Eu mesma, trabalho aqui sozinha [...] do ano passado para cá, aumentou muito o fluxo de morador de rua e de usuários, e eu trabalho com medo e insegura [..] porque, agora eles entram aqui as vezes de passagem, mas entra; e isso traz um pouco de insegurança e medo para mim, como comerciante [...] mas quanto às meninas de programa, eu não tenho nada contra elas [...] atendemos normal, elas são cidadãs e se portam como tal (Cristina, 47 anos)

No entanto, em conversa informal realizada com essa mesma comerciante, esta me dissera que o antigo estabelecimento de uma proprietária era repleto de drogas e prostituição. Ou seja, a associação, mesmo que indireta, a determinados tipos de comércio com atividades ilícitas e/ou ilegais, pode tornar o proprietário e/ou trabalhador do estabelecimento "o outro" de seu colega de Condomínio, pois a relação com a chamada "economia dos bens ilícitos" (Telles e Hirata, 2007, p.179), se antagoniza com aqueles que buscam a transformação "moral" do local.

Ainda no âmbito do conflito de comerciantes entre si, um homem ligado a um dos bares frequentados por garotas de programa, relata o problema da inadimplência de certos pares, com taxas de Condomínio e IPTU, como uma barreira para a melhoria do prédio. Além disso, a existência de "desmotivadores" dentro do próprio Condomínio, segundo outro comerciante, faz com que melhorias mínimas sejam implodidas, como por exemplo, a instalação de lâmpadas de iluminação que foram retiradas por quem não quer que o prédio melhore.

Dentre os sujeitos que podem vir a ser o "outro" de indivíduos e grupos sociais tidos como "normativos", mas que não são tidos como abjetos e compartilham uma

-

⁴⁹ Análise feita pelo ativista, que é formado em audiovisual.

"normatividade" social em comum, inclui-se as Igrejas evangélicas e grupos caritativos. Pois, segundo uma das interlocutoras importantes ligada ao Centro Comercial, a "Rodô" tem:

[...] um problema muito sério aqui, que são as igrejas, nós temos uma concentração muito grande de igreja evangélica. E essas igrejas fazem os desencargos de consciência, elas vêm dar marmita... vem dar roupa, calçado [...] então o que acontece, o dinheiro eles pedem no sinal, a roupa, calçado e a comida eles ganham... então vai mantendo eles aqui no local. E quando na verdade, a igreja deveria ao meu ponto de vista, fazer um trabalho de verdade... de tentar tirar, de tentar resgatar o ser humano e não de manter ele naquela situação [...] (Gerente A, 24 anos no Condomínio)

Se, por um lado, ser evangélico não carrega um peso moral negativo perante a sociedade brasileira de forma geral, no entanto, no contexto da "Rodô", o evangélico que desenvolve um trabalho de ação social caritativa, junto às populações em situação de rua, é visto como um sujeito antagônico aos interesses políticos e econômicos de determinados indivíduos do comércio local, pois:

Ser um sujeito significa ser "sujeito para definir condições de existência, condições de atributo e condições de exercício. Essas condições permitem escolhas, muito embora elas não sejam ilimitadas. Sujeitos são constituídos discursivamente e experiência é um acontecimento linguístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas nenhum deles está confinado a uma ordem fixa de significado [..]. Experiência tanto pode confirmar o que já é conhecido (vemos o que aprendemos a ver), quanto perturbar o que parecia óbvio (Scott, 1998, p.320).

Logo, a ação social de um grupo visto de maneira "positiva" pela sociedade, o torna problemático não por preconceito religioso, estigmas para com evangélicos ou discriminação, mas por conta da intervenção social no lugar, que fomenta a construção discursiva estigmatizante sobre a experiência de um grupo.

Em contrapartida, alguns comerciantes e um trabalhador do entorno, revelam que "o perigo" praticamente inexiste para quem não faz parte do grupo de usuários de drogas e/ou moradores de rua, pois esses sujeitos tidos como abjetos, não mexem com os sujeitos considerados "normativos", e que as brigas que ocorrem, são resolvidas entre eles mesmo. No entanto, o desconhecimento acerca daqueles que estão na rua, já que é um grupo social fluído, pode gerar medo e desconfiança. Tal assertiva, foi reiterado por

um usuário de drogas, que se deparou comigo, logo após o fim da atividade caritativa da Igreja Z, e veio me pedir dinheiro para comprar droga, dizendo: "o povo acha que nós da rua e usuários somos bichos... que vamos roubar". Ou seja, o relato desse usuário de drogas transparece a percepção do próprio sujeito acerca dos estigmas e representações negativas lançadas sobre ele, em que possivelmente o contato com os "normais" (Goffman, 2004) reafirmou tais concepções, através de olhares e relações de poder.

Em síntese, as narrativas e falas contextuais apreendidas, revelam a existência de vários "outros" no universo da "Rodô". No entanto, isso não significa que o peso simbólico colocado sobre os grupos sociais, acerca do "problema" da Antiga Rodoviária, seja atribuído de forma relativa, em que as representações e estigmas lançados, tanto para o comerciante inadimplente ou desmotivador, quanto para o usuário de drogas, morador de rua e/ou a garota de programa tenham a mesma proporção. Pois, pode se perceber que é possível classificar o lugar de "outro" de cada grupo dentro de uma lógica.

Por fim, é possível pensar em uma escala social de "alteridade/problema", comparado com a pirâmide da estratificação sexual em que Gayle Rubin mostra como a sociedade hierarquiza o *bom e mal sexo* (1998), os usuários de drogas e moradores de rua ocupam o degrau mais baixo, que no campo do sexo, seria ocupado por pedófilos, zoófilos, entre outros. No caso do meu campo, os sujeitos que ocupam os degraus mais baixos da cambaleante estrutura da Antiga Rodô são alocados neste lugar em vista de seu modo de ser e, principalmente, porque sua corporalidade é vista como abjeta. Depois deles, situam-se as garotas de programa, que, ao mesmo tempo que não têm restrições no comércio local, em termos de circulação e acesso a mercadorias, também são relacionadas à imoralidade e informalidade, ou seja, uma alteridade que as relaciona com a marginalidade. Por fim, há os comerciantes e religiosos, que ocupam lugares mais prestigiosos, mas que, igualmente, estão em relações dialógicas com os campos mais marginalizados do lugar.

CAPÍTULO IV PODER PÚBLICO, INTERVENÇÃO E "REVITALIZAÇÃO"

O presente capítulo analisa entrevistas realizadas junto a sujeitos, como: comerciantes, gerentes do Condomínio, ex-comerciante do entorno, moradoras do bairro Amambaí, dois ativistas em direitos humanos e uma política que já ocupou cargo político na esfera municipal. Além disso, busco relacionar as entrevistas com matérias de jornais eletrônicos que tratem das ações realizadas no âmbito da "Rodô" e do entorno, bem como documentos oficiais que tratem do Plano Diretor para Campo Grande – MS de 2017 e do Plano de Revitalização do Centro (Reviva Centro).

Neste sentido, o capítulo tem como objetivo analisar a relação entre o poder público municipal e os grupos privados com a Antiga Rodoviária, no que diz respeito às principais intervenções ocorridas ao longo dos últimos sete anos no complexo rodoviário e no bairro Amambaí. Por último, faço uma reflexão acerca dos possíveis impasses para a realização da revitalização, bem como as possibilidades de impactos da mesma, diante da atual configuração dessa área central da cidade.

4.1 Principais intervenções após a desativação dos serviços rodoviários

Pensar a revitalização no âmbito da Antiga Rodoviária significa pensar em uma perspectiva de mudança social, que envolve comércio, tanto na esfera do prédio quanto no entorno, circulação de sujeitos e segurança. Logo, é fundamental compreender as forças políticas envolvidas, seus interesses e papeis sociais. Pois, como consta numa ata da *Revisão do Plano Diretor de Campo Grande* (2017), através da realização de uma reunião pública para o bairro Amambaí, o principal problema a ser resolvido no bairro, é a revitalização da Antiga Rodoviária⁵⁰. Consequentemente, esse prédio tem sido alvo de múltiplos interesses de diferentes agentes, tanto no que remete ao espaço em si, situado em uma localização privilegiada, quanto aos grupos que a compõem.

Material disponível para download, em: https://www.campogrande.ms.gov.br/planurb/downloads/reuniao-publica-bairro-amambai-20-06-2017-tabulacao-1-2/

É flagrante a desestruturação do comércio do Condomínio Terminal do Oeste a partir da retirada dos serviços rodoviários no ano de 2010. Essa primeira intervenção, vista como negativa pelas pessoas ligadas ao comércio formal do prédio, foi implementada na administração do antigo prefeito Nelson Trad⁵¹. Ao desativar os serviços rodoviários, e não implementar nenhum outro projeto para o lugar, os comerciantes do Condomínio passaram a ter uma situação socioeconômica desfavorável.

Em busca de uma nova perspectiva para o prédio, no ano de 2014, houve mudanças na gerência do Condomínio, mediante a realização de novas eleições, pois havia impasse entre os comerciantes e o gerente anterior. Isso acarretou em dificuldades para a realização das reformas necessárias para o bom funcionamento do Condomínio. Concomitantemente, foi criada uma outra organização para gerir os interesses dos proprietários, que é responsável por tratar dos interesses dos comerciantes; realizar propaganda para o prédio; promover eventos; realizar parceiras com o poder público; e buscar novos investidores.

Neste sentido, ambas gerências, que atuam em domínios diferentes, começaram a trabalhar para revitalizar o prédio. Uma das principais questões levantadas ao longo dos anos, refere-se ao abandono das áreas públicas do prédio. Espaços que outrora eram ocupadas pela prefeitura, são agora lugares vazios, especialmente, parte da área que fica na avenida Vasconcelos Fernandes, em que situa-se aquilo que é tido como o "mal"⁵² da "Rodô". Portanto, houve, ao longo dos anos, várias tentativas de realização de projetos com o poder público. Desde nível micro, como a ida de secretarias ou outros órgãos públicos, até mudanças maiores, como a transferência da Câmara Municipal para o segundo andar ou até mesmo a construção de um teatro popular⁵³.

No entanto, a partir de 2010, o que prevaleceu, segundo a visão da totalidade dos entrevistados, foi a inércia do poder público, que passou por quatro administradores municipais diferentes, e, de fato, ainda não oficializou um projeto de revitalização para a "Rodô", limitando-se a realizar algumas intervenções na área.

⁵¹ O primeiro mandato de Nelson Trad Filho como prefeito foi de 2005 a 2008, sendo reeleito em 2008, encerrando seu mandato em 2012.

⁵² Fala de uma das gerentes, para referir-se aos sujeitos que ficam num lugar específico do prédio. Entrevista realizada no dia 26/07/2017 às 14h54 no Centro Comercial Condomínio Terminal do Oeste.

⁵³ Relato de uma pessoa ligada à política municipal em entrevista realizada no dia 15/11/2017 às 16h30 em um escritório de advocacia no centro da cidade.

Na esfera das principais intervenções realizadas nos últimos anos, principalmente, após o ano de 2010, podemos classificá-las em dois âmbitos e objetivos distintos: público e privado; assistencial e/ou "desvarlorizante" *versus* "revalorizante".

Em um primeiro momento, com o encerramento oficial das atividades rodoviárias do prédio, a prefeitura municipal cercou com tapumes sua área pública e retirou o piso dos calçamentos, prejudicando o comércio local, fazendo com que muitas lojas do Condomínio fechassem⁵⁴. Tal ocorrência, gerou manifestações de moradores do bairro Amambaí e dos trabalhadores da Antiga Rodoviária, que retiraram, à força, os tapumes. Portanto, além da ausência de um projeto municipal que substituísse os serviços rodoviários, a ação do poder público foi vista, por comerciantes e moradores do bairro, como depredadora e prejudicial para o centro comercial. Além disso, somente na gestão municipal posterior — quando Alcides Bernal era prefeito, no ano de 2013 -, que foi realizado o calçamento das áreas. Ou seja, se o Estado é por um lado visto como indutor do "progresso" num determinado momento, também pode, posteriormente, colaborar com processos de desvalorização de certas regiões da cidade.

Ademais, no ano de 2011, os vendedores de lanches, conhecidos como "dogueiros", foram retirados, pelo poder público, em prol de interesse das grandes empresas de lanches multinacionais, do canteiro da avenida Afonso Pena e transferidos para a Antiga Rodoviária⁵⁵, no qual vendem seus lanches na rua Vasconcelos Fernandes até hoje. Sua atividade, transformou a rua Vasconcelos Fernandes, no período noturno, em uma área de consumo de lanches de variados públicos, com maior destaque, para pessoas oriundas das atividades noturnas de lazer da cidade⁵⁶. Chamado por uma das gerentes de "praça de alimentação", sua vinda para o espaço é vista como um benefício, pois criou um comércio noturno formal para o bairro, em que os "lancheiros" vendem em média, segundo ela, mais de 8.000 lanches por mês. No entanto, essa percepção não é compartilhada por outra gerente do Condomínio, porque para ela:

[...] quando veio os lancheiros para lá, para essa outra cobertura, foi quando começou os problemas de moradores de rua, consumidor da

_

⁵⁴ Fala concedida numa entrevista realizada com uma moradora do bairro e ligada à política municipal. Entrevista realizada no dia 15/11/2017 às 16h30 em um escritório de advocacia no centro da cidade.

⁵⁵ In: https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/dogueiros-estao-abandonados-ha-3-semanas-em-rodoviaria-suja-e-escura.

In: https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/velha-rodoviaria-vira-diva-na-madrugada-para-quem-sai-da-balada.

droga, que ele começou a aparecer por aqui [...] foi quando o Nelsinho colocou os lancheiros ali. Não foi bom para nós, foi muito ruim. [...] (Gerente B)

A partir desses dois exemplos, percebe-se que o poder público, ao incentivar, no seu projeto para a cidade, o crescimento produtivo e comercial de certas regiões, consequentemente, torna outras áreas urbanas desvalorizadas. Além disso, a iniciativa privada costuma investir nas regiões em processo de desenvolvimento, pois "o mercado busca sempre áreas de expansão e inovação, áreas tradicionais vão sendo abandonadas pelas atividades econômicas mais dinâmicas, bem como pela moradia de renda média ou alta" (Martins, 2011, p.64). Além disso, na sociedade capitalista, a cidade é tida como valor de troca (Verás, 2016) e grupos economicamente mais fracos, como os trabalhadores de *trailers*, podem ser alvos de espoliação urbana (Kowarick, 2016) pelas mãos do Estado, ao serem extorquidos daquilo que é "socialmente necessário" (Kowarick, 2016, p.189) para o desenvolvimento de suas atividades comerciais.

A chegada de novos empreendimentos, como o caso dos "lancheiros", pode ser encarado como nocivo, tanto do ponto de vista daqueles que já estão na "Rodô", quanto do ponto de vista dos próprios "lancheiros", à medida que sua alocação precária, ou seja, sem a devida estrutura fornecida pelo Estado para seu desenvolvimento, os coloca numa área vista como "deteriorada", que além de comprometer seus rendimentos, segundo uma das gerentes, atrai aquilo que é visto como "problema social". Assim, ao mesmo tempo que a criação de espaços de comércio nas áreas centrais venha a ser lugares de encontro e condensadores de fluxos de consumidores (Lopes, 2010), também sua presença, pode condicionar o aparecimento de alteridades urbanas (Verás, 2016) indesejáveis.

Em contrapartida, a partir do ano de 2010, elenca-se algumas intervenções pontuais do poder público de caráter "positivo", do ponto de vista dos comerciantes, para com o prédio e o entorno, tais como: a retirada dos canteiros que ficavam na avenida Joaquim Nabuco e o alargamento da via; remoção das guaritas onde funcionava a estação rodoviária; fechamento de imóveis abandonados; e uma operação policial. Em suma, ainda que essas ações não tenham resolvido efetivamente o "problema" da

"Rodô", elas foram vistas como ações que revalorizaram a região, pois coibiram as atividades vistas como "poluidoras" do local.

Apesar do quadro atual não ser dos melhores para o comércio local, segundo o depoimento de uma antiga proprietária do Centro Comercial, no ano de 2010, a situação dos comerciantes do prédio era pior:

[...] porque há seis anos atrás se você viesse aqui, era uma coisa desesperadora. O prédio estava tomado, dominado por prostituição e usuários de drogas. O prédio era dominado, né. Muita anarquia, muita bagunça [...] o prefeito Olarte abriu a Joaquim Nabuco, você lembra que tinha um canteirinho no meio da avenida ali, onde ficavam os taxis [...] na medida em que ele abriu essa avenida, ele transformou-a numa avenida! Imediatamente aqueles hotelzinho de quinta categoria que tinha ali, acabaram da noite pro dia. E você tendo uma avenida, o seu imóvel que antes era numa ruela cheio de prostíbulos, se transformou na valorização. Quando ele abriu essa avenida, o prédio apareceu. (Gerente B)

A partir desse discurso, emerge uma série de questões passíveis de análise. Pensando a "Rodô" a partir do seu lugar de proprietária, a ação estatal de desobstrução da rua Joaquim Nabuco remodelou o comércio local e a desestruturou os equipamentos ligados à marginalidade. Outrossim, a retirada das guaritas⁵⁸ e o fechamento de vários imóveis vazios do entorno, que foram temporariamente ocupados por pessoas em situação de rua⁵⁹, também colaborou para impedir o crescimento de atividades ligadas às drogas, bem como práticas de ocupação irregular dos imóveis da região, em que alguns comerciantes afirmavam que tais lugares eram utilizados como pontos de uso e armazenamento de drogas.

Tais assertivas, reforçadas por veículos de comunicação, corroboraria a conexão dos imóveis abandonados como lugares propícios à proliferação de consumo e tráfico de drogas (Rui, 2014), logo, devem ser interditados. Além disso, tais ações são pensadas como instrumento de valorização imobiliária, "assim entendida como a valorização das localizações urbanas" (Martins, 2011, p.70), que, em tese, deveriam propiciar um retorno equânime para toda a sociedade (Martins, 2011). No entanto, nesse caso, serviu

57

⁵⁷ Mary Douglas, Mary (1991) no ensaio sobre poluição e tabu.

⁵⁸ Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/abrigo-para-mendigos-guaritas-da-antiga-rodoviaria-sao-demolidas

⁵⁹ Situações reveladas por uma das gerentes, Comerciante Y e também por jornais eletrônicos.

pouco aos interesses públicos, beneficiando, muito mais os interesses privados de setores do comércio local.

Outra intervenção de impacto na região, foi a ação ostensiva da polícia na chamada "Operação Integrada", que, além de desocupar imóveis ocupados por sujeitos de rua, também agiu para coibir as atividades relacionadas ao tráfico de drogas⁶⁰, com várias "batidas" policiais no prédio e no entorno. Logo, percebe-se que na atualidade:

> A questão social passa a ser compreendida *publicamente*, então, como problema de segurança e ordens públicas, que tem sujeitos e territórios bem demarcados. Tanto do centro da cidade, habitado por dependentes de crack, moradores de rua, travestis e prostitutas, quanto das periferias e favelas mais distantes, representadas como territórios da violência e do tráfico de drogas, emergiria o ponto de gravitação da "nova questão social", que se pretende tratar com ampliação da repressão, controle, contenção e gerenciamento (Feltran, 2013, p.307).

Além de ações de ordem repressora do poder público, também, a partir do ano de 2013, começou a atuação do "Consultório na Rua", que é ligado à subsecretaria de Defesa dos Direitos Humanos do município. Ele realiza, semanalmente, atividades relacionadas aos encaminhamentos para tratamento médico-especializado dos sujeitos em situação de vulnerabilidade social nas imediações do prédio⁶¹.

Por conseguinte, percebe-se que, apesar de não "solucionar" o "problema social" de maneira definitiva, houve seguidas ações estatais, que, por um lado, atuaram, direta ou indiretamente, para enfraquecer e/ou inibir as práticas ilegais e informais na região. Por outro lado, desenvolveram atendimentos aos grupos estigmatizados. Do ponto de vista de uma antropologia da cidade (Agier, 2011), a "Rodô", ao longo dos últimos sete anos, apesar da presença de sujeitos estigmatizados e um comércio formal em declínio, foi marcada por constantes disputas territoriais entre grupos. Essas disputas são marcadas por ações ambíguas, ora repressivas, ora assistenciais (Feltran, 2013) sobre os grupos tidos como estigmatizados, com maior peso sobre os usuários de drogas e moradores de rua.

⁶⁰Disponível em: http://www.midiamax.com.br/policia/video-policias-fazem-operacao-integrada-regiaoantiga-rodoviaria-334185

⁶¹ Disponível em: https://www.campogrande.ms.gov.br/cgnoticias/noticias/mais-de-130-procedimentosforam-realizados-em-acao-voltada-a-pessoas-em-estado-de-vulnerabilidade-social/

Além das intervenções de ordem pública, aumentaram as ações de grupos sociais distintos da sociedade civil. Destaca-se o aumento de entidades assistenciais que atuam junto aos grupos de rua na "Rodô", principalmente de Igrejas evangélicas, que distribuem alimentos, roupas e calçados para a população em situação de rua. Também passaram a atuar na "Rodô" um coletivo de redução de danos e comunidades terapêuticas que, em conjunto com as Igrejas, passaram a desenvolver trabalhos com usuários de drogas, pois os sujeitos tidos como abjetos são alvos de assédio de instituições (Rui, 2014).

Na contramão das atuações de ordem mais repressivas e/ou "revalorizantes" empregadas pelo Estado, que direta e indiretamente, contribuíram para revalorizar os imóveis da região, está o aumento da atuação de grupos caritativos, principalmente de cunho religioso, que serviu, segundo comerciantes, para atuar na colaboração da manutenção desses sujeitos na condição de "problema social". Ou seja, apesar da intenção da ação social (Aron, 1982) da Igreja não ter como objetivo reforçar a presença de usuários de drogas e moradores de rua no entorno do prédio, suas práticas são vistas como reforçadoras do problema, pois colaborariam para que os sujeitos tidos como estigmatizados continuassem sendo um empecilho para a "revitalização" com suas práticas cotidianas de contra-uso do espaço (Leite, 2002).

Neste sentido, ao mesmo tempo que houve intervenções estatais que visavam colaborar com o processo de "revitalização", no sentido de colaborar com a solução dos "problemas" do lugar, também se desenrolaram ações estatais, e principalmente privadas, que começaram a atuar na contramão desse processo. Na "Rodô", a disputa de poder é expressa de forma capilarizada (Foucault, 1996), envolvendo diversos grupos e até instituições do próprio Estado, em que a política é entendida ao mesmo tempo como "campo de forças e campo de lutas" (Bourdieu, 1989, p.164).

Seguindo o pensamento de Michel Agier (2011), há:

Quatro grandes formas ou tipos de situação que permitem descrever os diferentes momentos da relação dos citadinos com sua cidade e dos citadinos entre si, na cidade; são: situação ordinária, extraordinária (ou ocasional), situação de passagem e ritual (Agier, 2011, p.25).

Logo, na "Rodô", essas constantes intervenções públicas e privadas, visaram alterar e/ou conservar as lógicas situacionais nessa territorialidade. Por exemplo, quando

a polícia fez uma operação de desarticulação do tráfico na "Rodô", bem como retirou moradores de rua e usuários de drogas dos imóveis, visou alterar uma lógica situacional vista como ordinária no lugar, buscando transformar as práticas relacionadas ao uso de drogas e ocupação irregular de imóveis no entorno, como algo extraordinário, e futuramente, até mesmo inexistente. Por outro lado, se a massa consumidora formal utiliza-se das ruas do entorno do prédio somente para passagem, a revitalização da "Rodô" tem como objetivo alterar essa lógica, tornando a presença desses consumidores como uma situação ordinária.

Por fim, foram realizados alguns eventos de cunho cultural como o "Luz na Rodô"; feira de artesanato; comemoração ao dia do trabalhador etc, que mobilizaram coletivos de artistas; o T'amo na Rodoviária⁶²; políticos da cidade; as gerentes do Condomínio; entre outras instituições privadas e públicas. Todos esses eventos, visaram impulsionar a ocupação "positiva" do prédio e pressionar a administração municipal sobre a relevância do Centro Comercial para a cidade e a necessidade de construir e implementar um projeto de revitalização para ele. Destaca-se o "Luz na Rodô", em que foram realizadas quatro edições, reunindo inúmeras atrações culturais, como grupos teatrais, capoeira, cantores, artistas plásticos, desfile de moda, literatura, etc. Além disso, havia diversos vendedores e artistas independentes que expuseram suas mercadorias para vendê-las no local. Segundo uma das gerentes, o evento tem a capacidade de atrair um público ligado às artes e cultura, que chega a contabilizar em torno de 2000 pessoas.

Apesar das diferentes visões entre os agentes envolvidos na realização desses eventos sobre "os problemas da Rodô" e um projeto de revitalização para o lugar, houve uma participação coletiva, especialmente na "Luz na Rodô", visando a ocupação do espaço pelas pessoas da cidade, no intuito de desconstruir a imagem negativa lançada sobre essa territorialidade. Além de ter sido possível incluir no evento uma pluralidade de atividades que contemplasse diversos grupos. Se, por um lado, houve parcerias pontuais entre os diversos agentes, principalmente, na realização dos eventos; em contrapartida, há dissensos consideráveis acerca do tipo ideal de "Rodô" em termos de comércio e circulação de sujeitos.

_

⁶²ONG sem fins lucrativos de difusão cultural e de redução de danos sócio comportamentais. In: http://tamonarodoviaria.blogspot.com.br.

4.2 "Revitalização"

A palavra revitalizar, segundo o dicionário Aurélio⁶³", significa "vitalizar de novo, revivificar ou remoçar". Também utiliza-se como sinônimo de "requalificar". Neste sentido, ao falar em revitalização da Antiga Rodoviária e do bairro Amambaí, expressa a ideia de trazer vida novamente a essa territorialidade, que foi "deixada de lado" pelo Poder Público ao longo dos anos.

No entanto, o sentido dessa palavra carrega diferentes e até divergentes concepções. Algumas formas de "revitalização" que foram pensadas para a "Rodô" causariam enormes impactos no entorno e no bairro Amambaí como um todo. Por exemplo, foi cogitado a construção de um shopping center; abrigar uma universidade; sediar a Câmara Municipal; um grande mercado; galeria de arte, etc. Além da especulação, já foram realizados abaixo-assinados, protestos, tentativas de estabelecimento de parcerias do Centro Comercial com o Poder Público e entrega de projetos para a prefeitura. Ou seja, já tentaram realizar vários tipos de negociação com o Estado, pois a qualificação de áreas centrais velhas, "só se viabiliza com a ação intensiva do poder público" (Martins, 2001, p.65), porém não houve o desenvolvimento de um projeto oficial de revitalização para o prédio e muito menos para o bairro Amambaí⁶⁴.

Portanto, o que se tem de mais concreto em termos de uma "revitalização" está no projeto "Reviva Centro", previsto para iniciar suas principais obras no ano de 2018 e executar todas as obras até 2022. Segundo uma das gerentes do Condomínio, o "Reviva Centro" está inserido no novo Plano Diretor de Campo Grande – MS. Tido como um projeto de grande porte, que inclui um financiamento de US\$ 56 milhões do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e US\$ 56 milhões de contrapartida da prefeitura⁶⁵, esse projeto visa a requalificação de uma parte significativa do centro, abrangendo toda a ZEIC (Zona Especial de Interesse Cultural), que inclui muitas avenidas principais, tais como: Afonso Pena, Mato Grosso, Calógeras, Ernesto Geisel

_

⁶³ In: https://dicionariodoaurelio.com/revitalizar

⁶⁴ Informação passada por uma liderança política que ocupou cargo público na política municipal, em entrevista realizada no dia 15/11/2017.

⁶⁵ In: https://www.campogrande.ms.gov.br/cgnoticias/noticias/prefeitura-apresenta-programa-viva-campo-grande-na-camara-municipal/

etc. Além disso, segundo o mapa da cartilha do projeto⁶⁶ e a fala de uma das gerentes⁶⁷, haverá impacto direto no entorno da Antiga Rodoviária, porque estão previstas obras para as avenidas Dom Aquino, Joaquim Nabuco, Barão do Rio Branco e Vasconcelos Fernandes. Entre as diversas intervenções, há: alargamento das calçadas, arborização, criação de áreas de lazer, sinalização viária, iluminação pública, acessibilidade e padronização das fachadas e publicidade dos estabelecimentos comerciais.

Neste sentido, apesar do projeto não incluir mudanças no Complexo Rodoviário, mas sim no seu entorno, ele traz expectativas positivas à gerência, pois haverá iluminação, recapeamento das ruas, sinalização e arborização, o que dará um "up" no lugar. Logo, essas intervenções preveem a resolução parcial de quatro itens do problemas a serem resolvidos no bairro Amambaí, elencados pelos participantes da reunião pública da *Revisão do Plano Diretor de Campo Grande*. No entanto, não está prevista a resolução dos dois principais "problemas" apontados no documento público, que são a revitalização da Antiga Rodoviária e a "resolução" dos "problemas sociais" do bairro: moradores de rua, usuários de drogas e mendigos.

No que diz respeito ao Plano Diretor em si, este se constitui "como uma lei municipal que, com base no Estatuto da Cidade, estabelece a política de desenvolvimento do município e expansão urbana (Campo Grande, 2017, p.3)". Ele está sendo revisto no ano de 2017, através da empresa URBITEC – TM Planejamento, Engenharia e Consultoria, contratada para realizar o serviço de revisão em conjunto com os órgãos competentes da administração municipal, como a PLANURB (Agência Municipal de Planejamento Urbano).

Em linhas gerais, pode-se destacar que em relação ao impacto das propostas contidas na *Revisão do Plano Diretor* para a "Rodô" e bairro Amambaí, está: "estímulo à ocupação das áreas vazias especialmente no centro da cidade com mais moradias e animação cultural" (Campo Grande, 2017, p.4)

Tais propostas, relacionam-se diretamente a "projetos" que estão sendo pensados por uma das gerentes, em que se visa a busca de capital internacional para viabilizar a

⁶⁶ In: http://www.campogrande.ms.gov.br/centro/

⁶⁷ Entrevista realizada no dia 26/07/2017 às 14h54 no Centro Comercial Condomínio Terminal do Oeste.

⁶⁸ Termo utilizado pela gerente numa entrevista realizada no dia 26/07/2017 às 14h54 no Condomínio.

⁶⁹ Os quatro itens são: iluminação, pavimentação, sinalização das vias e drenagem.

⁷⁰Disponível para download, em: https://www.campogrande.ms.gov.br/planurb/downloads/reuniao-publica-bairro-amambai-20-06-2017-tabulacao-1-2/.

construção de um polo cultural que ligue o prédio da Antiga Rodoviária, ruas vistas como "mortas" do bairro Amambaí, até a Orla Morena⁷¹. No campo da antropologia urbana, tal iniciativa é chamada de gentrificação. Para Magnani (2002):

Esse processo conhecido como *gentrification* (enobrecimento, requalificação), propõe uma nova dinâmica, principalmente para os centros das cidades, pois, além adequá-los como lugares de consumo, inaugura uma nova modalidade de consumo cultural, isto é, o "consumo do lugar" (Magnani, 2002, p.13).

Esse projeto de "enobrecimento", em que se pretende transformar toda a área do bairro Amambaí até a Orla Morena numa espécie de "Village", remete à ideia de enclave fortificado (Caldeira, 2000), pois visa criar uma territorialidade homogeneizada por moradores do bairro e turistas, que ficam hospedados na rede hoteleira. Como diz Caldeira (200), "longe das interações indesejadas, movimento, heterogeneidade, perigo e imprevisibilidade das ruas" (Caldeira, 2000, p.259). Portanto, a criação de um "Village" remete a processos de substituição de circulação de alguns tipos de sujeitos pelo bairro, bem como a desestruturação de equipamentos ligados à marginalidade ou à pobreza.

Além disso, o discurso da revitalização pode assumir o caráter de retorno a um passado supervalorizado pelo imaginário social, em que alguns interlocutores, sonham com a reativação do terminal rodoviário no prédio, como a melhor saída para a melhoria no comércio local, pois traria à tona os tempos de pujança comercial, e, quem sabe até, a volta da circulação da família tradicional campo-grandense para as imediações do Centro Comercial. Logo, esse espaço urbano, no qual emergem narrativas de enaltecimento do passado, se constitui como um "ponto de amarração" da memória (Cunegatto, 2009), bem como "espaços de conflito ao mesmo tempo em que espaços de deleite" (Cunegatto, 2009, p.10), pois permanecem na memória dos sujeitos, principalmente dos antigos comerciantes.

Na contramão, surge a fala de um agente redutor de danos, que pensa o prédio transformado em uma galeria de arte, com pequenos proprietários, trabalhando com "economia criativa". Para ele, a "Rodô" deveria ser repleta de pequenos lojistas, a

⁷² Termo empregado pela gerente numa entrevista realizada no dia 26/07/2017 às 14h54 nas dependências do Condomínio Terminal do Oeste.

⁷¹ Local da cidade marcado por atividades de lazer noturno, com maior predominância de pessoas de classe média.

exemplo do evento "Luz na Rodô", que reuniu muitos artistas e vendedores. Portanto, percebe-se que a revitalização da "Rodô" em si, apresenta um caráter polissêmico, no qual os distintos sujeitos, emergem com discursos referentes a sua posição social, enquanto sujeito dotado de interesses, bem como visões sobre a alteridade tida como estigmatizada, modelo de bairro e comércio idealizados.

No entanto, como ressalta o sociólogo Robert Ezra Park (1973), a cidade e suas construções, constituem-se, antes de tudo, a partir de um caráter social, isto é: são pensadas e organizadas conscientemente, possuindo um limite para modificações arbitrárias possíveis de serem feitas (Park, 1973). Logo, é necessário compreender como está estruturado o bairro Amambaí como um todo, em termos de equipamentos, classes sociais, tipos de comércio, e, principalmente, a estrutura social do Condomínio Terminal do Oeste, a fim de compreender aquilo que muitas vezes não aparece à primeira vista, como o chamado "problema social", mas que pode ser fundamental como um problema para mudanças sociais efetivas⁷³.

4.3 Impasses estruturais e "problema social"

Destaca-se a existência no âmbito do Condomínio Terminal do Oeste, de alguns problemas de ordem estrutural. Além dos já citados, como a inércia do Poder Público e os sujeitos tidos como abjetos, há, também, o endividamento de alguns proprietários do Centro Comercial por acúmulo de dívidas de taxas de Condomínio e de IPTU.

Segundo uma das gerentes, a arrecadação da taxa de Condomínio é de fundamental importância para a realização de melhorias no prédio. No entanto, a inadimplência por parte de alguns comerciantes, havendo dívidas em torno de R\$ 300.000,00⁷⁴, colaborou para que o Condomínio, ao longo dos últimos dez anos, fosse diminuindo sua arrecadação, o que impede a manutenção devida do prédio como um todo, principalmente do 2º andar, que encontra-se repleto de buracos no telhado e má iluminação.

_

⁷³ Pretendo desenvolver esse ponto em pesquisa futura.

⁷⁴ Informações relatas por uma das gerentes do Centro Comercial em entrevista realizada no dia 02/08/2016 às 9h02 no Condomínio Terminal do Oeste.

Nas entrevistas realizadas, bem como na pesquisa de campo como um todo, foi possível perceber a existência de muitas salas do Condomínio concentradas nas mãos de alguns grandes proprietários. Uma das interlocutoras, por exemplo, contou que comprou muitas salas no início da década de 1980, pois o comércio estava arrefecendo na época, fazendo com que houvesse um processo de acumulação de capital por um bom tempo. No entanto, após o início do processo de deslocamento de comércios e serviços públicos para outras partes da cidade, culminando na desativação dos serviços rodoviários, fez com que seu capital rentável perdesse fôlego. Logo, a concentração de capital, ao mesmo tempo que lhe trouxe grandes rendimentos, também lhe causou custos elevados, sobretudo na última década.

Entretanto, se, por um lado, os lucros advindos da acumulação de capital foram recolhidos pela proprietária de forma privada; por outro lado, as dívidas acumuladas e não pagas, afetam o poder público, que não recebe os impostos dos imóveis, bem como todos os comerciantes do Condomínio, que ficam com serviço precário de manutenção das áreas de uso comum.

Soma-se a esse problema estrutural interno do Condomínio, o desinteresse por parte de novos investidores no prédio, pois além da presença daquilo que é visto como "problema social", "o setor imobiliário mostra interesse apenas por processos de total reconfiguração; ações de "terra arrasada", em que todo o patrimônio edificado e a propriedade imobiliária são substituídos" (Martins, 2011, p.64). Tal situação cria impasse para transformação local, pois o prédio tem uma estrutura grande que cobre um quarteirão inteiro e é feito todo de concreto.

Além disso, nas entrevistas realizadas com as gerentes, com os comerciantes e com a política, percebe-se a incerteza de investimentos públicos para projetos ligados aos direitos humanos, em prol de usuários de drogas e moradores de rua. Portanto, se, por um lado, é citado no documento público⁷⁵, a necessidade de "resolver" a questão do "problema social" do bairro Amambaí; por outro lado, a ausência de previsão de políticas públicas humanitárias para esses grupos, nos faz refletir acerca dos meios que estão sendo pensados para resolver o "problema", que, em um primeiro momento, parecem não estar ligados aos direitos humanos.

publica-bairro-amambai-20-06-2017-tabulacao-1-2

⁷⁵Disponível para download, em: https://www.campogrande.ms.gov.br/planurb/downloads/reuniao-

Dessa forma, além da preocupação com os usuários de drogas e moradores de rua, em um processo de revitalização do prédio, de seu entorno ou do bairro Amambaí como um todo, uma investigação futura sobre os tipos de comércio da redondeza, bem como os próprios moradores, suscitaria importantes reflexões acerca do impacto sobre esses sujeitos na implementação de políticas de "requalificação" da área. Isso poderá ser observado tanto no âmbito do projeto "Reviva Centro", como em futuras intervenções que objetivem tornar a "Rodô" e o bairro Amambaí um "Village". Em vista disso, é importante não perder de vista que a "Rodô" comporta em si, além de pessoas em situação de rua e usuários de drogas, outros sujeitos que compartilham condições socioeconômicas mais próximas das camadas populares. Para esses, provavelmente, uma mudança estrutural/social significativa na região poderia ocasionar o aprofundamento de processos de exclusão, até porque esta é uma das faces ocultas do processo de gentrificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a Antiga Rodoviária se apresenta como um verdadeiro laboratório de investigação social (Park, 1973), em que, mesmo após a desativação dos serviços rodoviários, continuou sendo um lugar marcado pela heterogeneidade de sujeitos e de relações sociais. Neste sentido, infere-se que a representação do lugar como predominantemente perigoso, *lócus* de criminalidade e inseguro de circular, encontra-se muito mais no imaginário do que na realidade concreta do lugar.

Outro ponto fundamental a ser destacado é que o processo de decadência do comércio local tem sua causa relacionada a ações do poder público que, ao transferir os serviços rodoviários para outros terminais da cidade, sem um projeto alternativo para o Centro Comercial, deixou os comerciantes sem seu público consumidor habitual, que era, majoritariamente, composto por passageiros dos ônibus. Isso obrigou o fechamento da maioria das lojas, bem como levou ao endividamento vários lojistas.

No entanto, apesar da representação do chamado "problema social" ser permeado por estigmas, especialmente os usuários de drogas e os moradores de rua, percebe-se que há uma série de arranjos informais estabelecidos entre esses sujeitos, os comerciantes e os equipamentos específicos do comércio local. Além disso, parte significativa dos comerciantes contatados, revelou que esses sujeitos não representariam perigo para os transeuntes e clientes formais, pois as brigas são resolvidas entre eles e há uma espécie de regra implícita, no qual os sujeitos de rua não "mexem" com os de fora de seu grupo.

Destaca-se a existência de relações de fronteiras corporais, que são estabelecidas de acordo com os espaços comerciais do Condomínio e da "Praça de Alimentação". Neste sentido, dentro do grupo de sujeitos estigmatizados, os usuários de drogas e os moradores de rua, vistos, muitas vezes, como um grupo homogêneo, são aqueles impedidos de circular em ambos os espaços. Em contrapartida, as garotas de programa circulam livremente por ali e tornam-se consumidoras assíduas, principalmente, de bares e salões de beleza. Apesar disso, não deixam de incidir representações de ordem negativa sobre essas mulheres, pois, hotéis do entorno e comerciantes não gostariam de ter seus empreendimentos associados à prostituição. Logo, as garotas de programa também se tornam alvo de críticas daqueles que querem "revitalizar o prédio".

No âmbito da observação participante realizada com a Igreja Z e também com o Comerciante Y, percebemos que, ao mesmo tempo em que há relações de sociabilidade com os sujeitos de rua, também há distanciamentos socioculturais e regras implícitas de convívio e interlocução. Entretanto, a partir desses espaços, foi possível identificar a existência de redes sociais em torno do "problema social". Uma rede de supermercado, instituições religiosas, polícia e Consultório de Rua atuam na gestão desses sujeitos no território da "Rodô".

Ao analisar os discursos de ordem conflitiva, principalmente oriundo do comércio local, destaca-se que existem diferentes níveis de apontamento do "problema" da "Rodô". Analisando em um formato piramidal, identifica-se que os usuários de drogas e moradores de rua, ou seja, aquele conjunto heterogêneo de sujeitos tornados abjetos, situam-se na base da pirâmide; em seguida, estão as garotas de programa, que têm suas atividades relacionadas à imoralidade e que, consequentemente, contribuem para a manutenção da imagem "negativa" do lugar; posteriormente, pode-se classificar os evangélicos que distribuem marmitas e os comerciantes que têm suas atividades ligadas, indiretamente, à prostituição, como ocupantes de uma mesma posição na pirâmide; por último, aparecem os comerciantes inadimplentes, principalmente, os grandes proprietários, que estão com muitos imóveis fechados e, consequentemente, com dívidas altas de taxas de IPTU e Condomínio, o que dificulta a realização de reformas no Centro Comercial.

Por meio das análises dos discursos, a chamada "revitalização" ou "requalificação" carrega inúmeros sentidos, mas apresenta alguns elementos em comum. Alguns têm a esperança de revitalizar o prédio a partir do retorno dos terminais de transbordo, o que traria o público de outrora de volta e aqueceria o comércio local. Outros têm ideia de transformar o entorno do prédio, bem como o bairro Amambaí, numa grande área de lazer, uma espécie de "Village", o que faria com que os moradores do bairro e os turistas da rede hoteleira viessem a circular pelo lugar. A "cultura" teria função primordial nesse projeto.

Logo, apesar das diferentes concepções de mudança social nessa área, percebe-se que há em comum o projeto de substituição de circulação de sujeitos. Os moradores de rua e os usuários de drogas, bem como equipamentos comerciais ligados a um público pobre, seriam retirados do lugar, a partir da revalorização imobiliária que atrairia o

público das camadas médias e altas. Consequentemente, esse movimento traria segurança privada e pública para a região.

No entanto, destoando de outros projetos de revitalização, aparece também a fala de interlocutores ligados aos direitos humanos. Eles ressaltam a importância de pensar a revitalização do prédio e do bairro levando em consideração os sujeitos de rua, os usuários de drogas e as garotas de programa, bem como a resolução de problemas estruturais do Condomínio.

Portanto, os destinos dos sujeitos da "Rodô" e do bairro Amambaí estão diretamente relacionados a processos mais amplos que envolvem política urbana, interesses imobiliários e gestão estatal. Isso pode impactar diretamente a paisagem social local, as dinâmicas territoriais e relacionais entre os sujeitos. Neste sentido, a revitalização pode tanto aprofundar desigualdades e excluir grupos, quanto, em última medida, colaborar para a redução de danos dos problemas sociais contemporâneos. No entanto, mesmo sendo pensada de forma democrática, includente e humanitária, sua ação não visa atuar, diretamente, na causa dos problemas, mas, somente, em seus efeitos mais imediatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Rubens de Camargo; RAUPP, Luciane. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). In: *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, São Paulo, v.16, n.5, p.2613-2622, 2011.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade:* lugares, situações e movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes; Brasília: EdUNB, 1982.

AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Maceió: EdUFAL: Unesp, 2010.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In. BIANCO, B. F. (org.) *Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos*. São Paulo: Global, 1987.

BECKER, Howard. *Outsiders:* estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero:* feminismo, subversão e identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. In: *Cadernos Pagu*, n.42, p.249-274, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00249.pdf.

CALDEIRA, Teresa. *Cidades de muros:* crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: 34, 2000.

CAMPO GRANDE – MS. *Revisão do plano diretor*. 2017. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B3OSf0zPbAgrMUpIVExwZmZuLWs/view.

CARDOSO, Ruth (org). *A aventura antropológica:* teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

COSTA, Alexandra. *Paradisiacos e venenos:* o uso de drogas e o controle do corpo. Campo Grande: UFMS, 2009. Disponível em: http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/alexandra_01_2009.pdf.

COSTA, Ana Paula. População em situação de rua: contextualização e caracterização. In. *Revista Virtual Textos e Contextos*, v.4, n.1, 2005. Disponível em: < http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/993/773>.

CUNEGATTO, Thais. *Etnografia na rua da praia*: estudo antropológico sobre cotidiano, memória e formas de sociabilidade na Rua da Praia/RS. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, 2008.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: EdRocco, 2003.

DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In CARDOSO, Ruth (org). *A aventura antropológica:* teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

ESCOREL, Sarah. Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. In: BURSZTYN, M. (org.) *No meio da rua:* nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luíza; RECHENBERG, Fernanda. Etnografia na rodoviária: fluxos e trajetórias sociais em um espaço cosmopolita. In. *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v.6, n.13, 2005. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9207/5300>.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luíza. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. In: *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v.4, n.7, 2003. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160/5258>.

FELTRAN, Gabriel. Territórios e populações marginais em tempos de desenvolvimento: modos de gestão no conflito social no Brasil. In: BONELLI, M.G; LANDA, M.D.V (Orgs.) *Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina*. São Carlos: Compacta gráfica e editora, 2013.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis: EdVozes, 1999.

FRANGELLA, Simone Miziara. *Corpos urbanos errantes:* uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. Tese de doutorado. IFCH/Unicamp, 2004.

FREITAS, Renan Springer. *Bordel bordéis:* negociando identidades. Petrópolis: EdVozes, 1985.

FRÚGOLI JR, Heitor. Urbano em questão na antropologia: interfaces com a antropologia. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.48, n.1, 2005. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27205/28977>.

FRÚGOLI JR, Heitor; SPAGGIARI, Enrico. Da "cracolândia" aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz. *Revista Ponto Urbe*, São Paulo, v. 4, n. 6, 2010. Disponível em: http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/118-da-cracolandia-aosnoias-percursos-etnograficos-no-bairro-da-luz.

FRÚGOLI JR, Heitor; CHIZZOLINI, Bianca. Moradias e práticas espaciais na região da Luz. In. *Revista Ponto Urbe*, São Paulo, n.6, 2012. Disponível em: https://pontourbe.revues.org/1135.

FRÚGOLI JR, Heitor. Territorialidades e redes na região da Luz. In. KOWARICK, L.; FRÚGOLI JR, H. (Orgs.) *Pluralidade urbana em São Paulo:* vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo: Ed 34, 2016.

FRY, Peter. Nas redes antropológicas da Escola de Manchester: reminiscências de um trajeto intelectual. In. *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 12, n. 27, p. 1-13, 2011. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/20854/11987.

GEERTZ, Clifford. Saber Local. Rio de Janeiro: EdVozes, 2009.

GOFFMAN, Erving. *Estigma* – notas sobre uma identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. In. *Revista Geographia*, Niterói, v.9, n.17, 2007. Disponível em: http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/213/205.

KOWARICK, Lúcio. Cortiços: reflexões sobre humilhação, subalternidade e movimentos sociais. In, KOWARICK, L.; FRÚGOLI, H. (Orgs.) *Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos*. São Paulo: Ed 34, 2016.

KRISTEVA, Julia. *Pouvoir de l'horreur:* essai sur l'abjection. Paris: Editions du Seuil, 1980.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17, n.49, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a08v1749.pdf.

LOPES, Ricardo. Considerações sobre os mercados públicos: relação de sociabilidade e vitalidade urbana nas cidades. In. *III Colóquio Internacional Sobre o Comércio e Cidade*. São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/3_cincci/032-ricardo-lopes.pdf>.

MARTINS, Maria Lucia. São Paulo, centro e periferia: a retórica ambiental e os limites da política urbana. In: *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v.25, n.71, p.59-72, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n71/05.pdf>.

MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, J. G.; Torres, L. L. (Orgs.) *Na Metrópole* - Textos de Antropologia Urbana. EdUSP: São Paulo, 1996.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.17. n.49, 2002.

MAGNANI, José Guilherme. Antropologia urbana: desafios e perspectivas. In. *Revista de Antropologia (São Paulo, Online)*. v.59. n.3, p.174-203, USP, 2016.

MARQUES, Eduardo; REQUENA, Carolina; HOYLER, Telma. Estrutura social, segregação e espaços. In: KOWARICK, L; FRUGOLI JR, H. (Orgs.) *Pluralidade urbana em São Paulo:* vulnerabilidade, marginalidade e ativismos. São Paulo: Ed34, 2016.

MEDEIROS, Ana Cristina. *Terminal Rodoviário Heitor Laburu*. Disponível em: https://prezi.com/q fof0k5e-vi/terminal-rodoviario-heitor-labura/, 2014.

MESSIAS, Ana Claudia.; CASTELHANO, Darlene Messias. *Estrutura e funcionamento da estação rodoviária Heitor Eduardo Laburu*. Monografía de conclusão de curso. UCDB. 1999.

OLIVAR, José Miguel Nieto. *Devir puta:* políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In. VELHO, O. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PASSAMANI, Guilherme. *Na batida da concha:* sociabilidades juvenis e homossexualidades reservadas no interior do Rio Grande do Sul. Santa Maria, RS: EdUFSM, 2011.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

RUBIN, G. S. Thinking Sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDI, P. M.;SCHNEIDER, B. E. (Ed.). *Social perspectives in lesbian and gay studies:* a reader. New York: Routledge, 1998.

RUI, Taniele. *Nas tramas do crack:* etnografia da abjeção. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

RUI, Taniele. Usos da "Luz" e da "cracolândia": etnografia de práticas espaciais. In. *Revista Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.23, n.1, p.91-104, 2014. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/84851/87568>.

SANTOS, Thiago. "Sou morador de rua, mas não sou como aquele ali não": pessoas em situação de rua em Recife e as negociações de si mediante o estigma. In. *CADERNO DE PROGRAMAÇÃO DA V REA XIV ABANE*. Maceió: UFAL, 2015. Disponível em: http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Thiago%20Santos%20da%20Silva%20-%201020302%20-%204179%20-%20corrigido.pdf.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. In: *Projeto História*, São Paulo, v.16, p.297-325, 1998. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183/8194.

SILVA, Tiago Lemões. A rua como espaço de interação social: um estudo antropológico das relações entre população em situação de rua e grupos caritativos. In. *Revista Antropolítica*, Niterói, n.29, p.131-149, 2010. Disponível em: http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/41/pdf>.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v.11, n.2, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>.

SODRÉ, Marcelo Santos. *Modernidade e sociabilidade:* do "comércio" ao shopping (Belém-PA, 1990 -). Dissertação de mestrado. UFPA, 2006. Disponível em: http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/dissertacoes/dissertacaoTurma2005-MarceloSantosSodre.pdf.

SOUZA, Jessé. A sociologia dual de Roberto da Matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos. In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Campinas, v.16, n.45, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n45/4330.pdf.

TELLES, Vera da Silva; Hirata, Daniel. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras entre o ilegal, o informal e o ilícito. In. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v.21, n.61, 2007. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10274/11913.

TOSTA, Tania Ludmila. Memórias das ruas, memórias da exclusão. In: BURSZTYN, M. (org.) *No meio da rua:* nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera (org). *Antropologia e História dos Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: EdUFMS, 2016.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura:* notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VÉRAS, Maura Pardini. Segregação e alteridade na metrópole: novas e velhas questões sobre cortiços em São Paulo. In: KOWARICK, L.; FRÚGOLI, H. (Orgs.) *Pluralidade urbana em São Paulo:* vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo: Ed 34, 2016.

VILLELA, Gustavo. O muro invisível: a nacionalidade como discurso reificado na fronteira Brasil-Bolívia. In. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v.25, n.2,

p.141-156, 2013. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/78769/82821.

WEBER, Max. Ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2006.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In. VELHO, Otavio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.